

CENTRO UNIVERSITÁRIO ACADEMIA
RODRIGO ANDRADE CANIATO

Jornalismo opinativo: uma reflexão sobre os comentários políticos
Análise das falas de Augusto Nunes, Marco Antonio Villa e
Reinaldo Azevedo

Juiz de Fora

2020

RODRIGO ANDRADE CANIATO

**Jornalismo Opinativo: uma reflexão sobre os comentários políticos
Análise das falas de Augusto Nunes, Marco Antonio Villa e Reinaldo
Azevedo**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro Universitário Academia - UniAcademia, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Jornalismo.

Orientadora: dra. Marise Baesso Tristão

Juiz de Fora

2020

CANIATO, Rodrigo Andrade. **Jornalismo Opinitivo: uma reflexão sobre os comentários políticos. Análise das falas de Augusto Nunes, Marco Antonio Villa e Reinaldo Azevedo.** Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial à conclusão do curso de Graduação em Jornalismo, do Centro Universitário Academia- UniAcademia, realizado no 1º semestre de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. MariseBaesso Tristão

Orientadora

Profa. Ms. Gilze Freitas Bara

Membro convidado 1

Profa. Ms. Ana Marta dos Santos Ladeira

Membro convidado 2

Examinado em: / /

Conceito: _____

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho, ao meu pai que não está mais aqui e ao meu filho que chegou. Minha mãe e toda a minha família.

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo todos os professores que me ajudaram nessa jornada acadêmica, em especial a minha orientadora. Minha família que me apoiou e acreditou. Minha mãe, minha avó e meus irmãos.

RESUMO

CANIATO, Rodrigo Andrade. **Jornalismo opinativo: uma reflexão sobre os comentários políticos. Análise das falas de Augusto Nunes, Marco Antonio Villa e Reinaldo Azevedo.** Setenta e cinco folhas. Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo. Centro Universitário Academia - UniAcademia, Juiz de Fora, 2020.

O presente estudo se propõe a discutir as questões relacionadas ao gênero opinativo no jornalismo, especificamente os comentários políticos em três veículos diferentes. A proposta é verificar como as mesmas temáticas são tratadas de maneiras distintas dependendo da inclinação do veículo e do comentarista. Além do gênero, iremos mostrar como os vieses direita e esquerda ganham evidência política em um momento de polarização no país. Desta forma, cada fato analisado é visto de modo a levar o público a diferentes conclusões, reforçando o embate ideológico, dependendo da origem do comentário ouvido. As análises são feitas a partir dos comentários de Augusto Nunes (**Rádio Jovem Pan**), Marco Antonio Villa (**Youtube**) e Reinaldo Azevedo (**Rádio Band News**)

Palavras-chave: jornalismo; gênero opinativo; política; comentaristas

ABSTRACT

This study aims to discuss issues related to the opinative genre in journalism, specifically political comments in three different vehicles. The proposal is to verify how the same themes are treated in different ways depending on the inclination of the vehicle and the commentator. In addition to gender, we will show how the right and left biases gain political evidence at a time of polarization in the country. In this way, each analyzed fact is seen in a way that leads the public to different conclusions, reinforcing the ideological clash, depending on the origin of the comment heard. The analyzes are based on the comments of Augusto Nunes (Rádio Jovem Pan), Marco Antonio Villa (Youtube) and Reinaldo Azevedo (Rádio Band News).

Keywords: journalism; opinative genre; policy; commentators

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 HISTÓRIA DO JORNALISMO	11
2. 1 O JORNALISMO AO LONGO DA HISTÓRIA: DO POLÍTICO LITERÁRIO AO TECNOLÓGICO.....	11
2. 2 JORNALISMO PARA ALÉM DO IMPRESSO.....	14
3 O JORNALISMO OPINATIVO	22
3. 1 O JORNALISMO POLÍTICO.....	25
3. 2 O COLUMISMO POLÍTICO.....	26
3. 3 OS CONCEITOS DE DIREITA E ESQUERDA SOBREVIVEM?.....	28
4 OS VEÍCULOS E OS COMENTARISTAS ANALISADOS	35
4 . 1 A RÁDIO BAND NEWS FM E O JORNALISTA REINALDO AZEVEDO.....	35
4 . 2 A RÁDIO JOVEM PAN NEWS E O JORNALISTA AUGUSTO NUNES.....	36
4 . 3 CANAL DO VILLA (MARCO ANTONIO VILLA).....	38
5 COMENTÁRIOS ANALISADOS	40
5. 1.1 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS SOBRE O DISCURSO DE BOLSONARO NA ONU.....	41
5. 1.2 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS SOBRE A POSSE DE REGINA DUARTE NA SECRETÁRIA DA CULTURA.....	55
5. 1.3 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS SOBRE O RESULTADO DO PIB 2019.....	61
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	77

1 INTRODUÇÃO

A ideia deste trabalho partiu da nossa experiência diária na busca por informação difundida segundo os princípios do “bom jornalismo”, ou seja, aquele jornalismo feito com base nos princípios éticos, da busca pela informação, checagem e compromisso em ouvir várias versões, tendo como norte a função social que permeia a profissão.

Na jornada acadêmica, fomos apresentados às mais diversas formas de se fazer jornalismo, passando pelas explicações, por exemplo, dos gêneros informativo, interpretativo, opinativo, diversional e utilitário, conforme diversos autores estudados, entre eles José Marques de Melo. E foi no gênero opinativo, mais especificamente, no comentário político, que encontrei o motivo do tema desse trabalho.

Passando a acompanhar os comentários políticos diariamente, me deparei com diferenças muito acentuadas nas formas de abordagem sobre um mesmo fato ou acontecimento, o que tem me gerado certo desconforto. Nossa intenção nessa monografia é tentar entender como acontecem essas disparidades, incluindo a atuação das diversas forças que podem influenciar a construção, apuração e difusão da notícia.

Entendemos que nossa pesquisa torna-se ainda mais importante no momento em que a circulação de opiniões, muitas delas vindas de origens desconhecidas ou consideradas fake news, é crescente e suscita debates inflamados em todos os meios, sejam físicos ou virtuais. Este cenário vem se agravando nos últimos anos, quando o país passou a viver um forte embate entre aqueles considerados “de direita” e os “de esquerda”. Temos que vamos tratar a partir dos conceitos do filósofo italiano Norberto Bobbio. O mesmo embate, com polarizações de discursos, muitas vezes, resvala para o campo jornalístico, que também vem mudando ao longo dos anos.

A pesquisa bibliográfica e o estudo de conteúdos, com base em livros e programas selecionados, entre outros materiais relevantes, formam o corpus de análise. Usamos os princípios da Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin para fazer as escolhas do nosso levantamento. Duas emissoras de rádio e um blog, todos com seus devidos comentaristas, foram selecionados para o estudo. Nossa pesquisa se baseia nos comentários realizados pelos jornalistas nos três programas distintos. As rádios **Band News**, com o programa “**O é da coisa**”, com Reinaldo Azevedo,

Jovem Pan, com o noticiário “**Os pingos nos is**”, com Augusto Nunes e José Maria Trindade, além do **Blog do Villa**, com lives diárias com os comentários de Marco Antonio Villa. É importante ressaltar que nem sempre o comentarista político tem formação em jornalismo, como é o caso de Marco Antonio, historiador e professor aposentado da Universidade Federal de São Carlos.

Dividimos esse trabalho em cinco capítulos, além das considerações finais. No primeiro, faremos um breve resumo da história do Jornalismo no mundo, passando pelas Actas Diurnas, em Roma, mostrando os princípios que balizam o Jornalismo na Revolução Francesa até a chegada da Internet e o jornalismo digital. Passando pela criação da Imprensa, as ondas do rádio e ainda pelas imagens do audiovisual. Entre os autores utilizados para mostrar esta história está Ciro Marcondes Filho, José Marques de Melo e Jorge Pedro Sousa.

O segundo capítulo trata dos Gêneros Jornalísticos, uma curta descrição dos gêneros mais utilizados no Brasil, mostrando as classificações informativas, interpretativas, opinativas e suas características. Já o terceiro capítulo se refere aos veículos de comunicação e seus comentaristas, que serão analisados nesse estudo. São duas rádios, que também transmitem em audiovisual pela Internet em formato de live, e um blog, que também faz esse tipo de transmissão. E ainda, três comentaristas políticos com passagem pelos maiores veículos de notícias do país e no horário nobre da televisão brasileira. Augusto Nunes, Marco Antonio Villa e Reinaldo Azevedo.

O quarto capítulo diz respeito aos comentários analisados. Três temas diferentes com a opinião dos comentaristas. Posse da Regina Duarte na secretaria especial de cultura, discurso de Bolsonaro na ONU e Resultado do PIB 2019.

O quinto capítulo conta com o resultado da nossa pesquisa e a análise de conteúdo. Informações, resultados e amostras sobre os veículos e seus comentaristas extraídos através do estudo.

2 HISTÓRIA DO JORNALISMO

Uma breve retrospectiva dos fatos ocorridos no mundo, que deram origem ao jornalismo e a suas várias transformações ao longo do tempo é o que pretendemos trazer neste capítulo. Dos tempos mais remotos que remetem aos relatos deixados em cavernas, passando pela criação dos principais veículos de comunicação, até os dias de hoje, em que o jornalismo digital nos apresenta um mundo novo a cada dia.

2.1 O JORNALISMO AO LONGO DA HISTÓRIA: DO POLÍTICO LITERÁRIO AO TECNOLÓGICO

Para que se possa entender o objetivo desse trabalho, é necessário um retorno aos conceitos e às fases históricas do jornalismo, desde o seu nascimento no Ocidente, à época da Revolução Francesa, até o avanço da tecnologia, que permitiu mudanças na divulgação e na velocidade da propagação da informação.

Não existe consenso de autores de onde, quando e como o jornalismo surgiu, dando origem à forma como ele é desenvolvido hoje no Ocidente. Mas seguiremos os passos de autores como José Marques de Melo (2003), Ciro Marcondes Filho (2002) e Jorge Pedro Sousa (2008).

Segundo Melo (2003), com o aumento das relações de trocas e a necessidade de negociações, a informação se tornou essencial para a vida social e econômica do cidadão. Melo (2003, p.19) diz:"(...)as possibilidades de atuar e de influir na vida da sociedade, que se afiguram na eclosão das revoluções burguesas, tornam a informação um bem social, um indicador econômico, um instrumento político."

Sob o ponto de vista de Jorge Pedro Sousa (2008), a origem do jornalismo remete a tempos mais primitivos.

Por outras palavras, o jornalismo é uma representação discursiva da vida humana na sua diversidade de vivências e ideias. Assim, pode-se dizer que o jornalismo vai buscar a sua origem mais remota aos tempos imemoriais em que os seres humanos começaram a transmitir informações e novidades e a contar histórias, quer por uma questão de necessidade (nenhuma sociedade, mesmo as mais primitivas, conseguiu sobreviver sem informação), quer por entretenimento, quer ainda para preservação da sua memória para gerações futuras (o que, simbolicamente, assegura a imortalidade).(Sousa, 2008, p.5)

Um exemplo são as pinturas rupestres, consideradas pelo autor acima, como verdadeiros relatos de acontecimentos importantes da vida cotidiana, embora tenham sido usadas também para outras finalidades, como artísticas e místicas. Sousa (2008) faz remissão a maneiras de informar na humanidade desde o tempo dos imperadores romanos, com as Actas Diurnas. Naquela ocasião, obviamente que não existiam jornalistas, mas as informações sobre atos públicos dos governos eram dadas por meio destas atas, que eram colocadas em praças públicas. De lá para cá, muitas coisas mudaram, mas é certo que a informação sempre foi importante para os povos.

Já Marcondes Filho, ao falar das origens do jornalismo atual, define quatro fases para este campo. Para o autor, foi somente a partir da Revolução Francesa (1789) que os conceitos que permeiam o Jornalismo contemporâneo foram introduzidos. Ele considera a revolução o berço do jornalismo que se tornou um aliado do povo, trazendo à tona toda a exploração a que era submetido pelas elites governantes. Ciro Marcondes Filho (2002, p. 10) fala que “o jornalismo é filho legítimo da Revolução Francesa, se bem que um século e meio antes já houvesse jornais”. A diminuição dos poderes totalitários da igreja e das universidades, constituídas basicamente pelos nobres, também contribuíram para o surgimento do jornalismo.

Nas palavras de Nelson Werneck Sodré (1999), o jornalismo se torna o “quarto poder” em defesa do povo. Com os direitos conquistados pela revolução, principalmente a liberdade, a imprensa se torna denunciante dos excessos e injustiças cometidos pela elite dominante em detrimento do povo.

Marcondes Filho (2002) divide o jornalismo em quatro períodos a partir da Revolução Francesa, cada um com suas características próprias.

O primeiro é conhecido como político literário, datado do século 19, tem como característica a democratização da informação. Período que tira o povo da obscuridade e facilita o acesso as notícias, trazendo uma consciência política e ideológica à população, “as páginas impressas funcionam como caixa acústica de ressonância, programas político-partidários, plataformas de políticos, de todas as ideias”. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 11)

Na segunda metade do século XIX, surge o chamado segundo Jornalismo, juntamente com a mass media, ou imprensa de massa, que se caracteriza pelo encontro do capital com o Jornalismo. Empurrada pela tecnologia, as empresas de comunicação são obrigadas a investir na modernização de seu maquinário, além disso, essas inovações exigiam das empresas que se sustentassem a partir de suas próprias receitas, é quando surgem as propagandas nos jornais.

O segundo jornalismo, o do jornal como grande empresa capitalista, surge como grande empresa capitalista, a partir da inovação tecnológica da metade do século 19 nos processos de produção do jornal. A transformação tecnológica irá exigir da empresa jornalística a capacidade financeira de auto sustentação, pesados pagamentos periódicos para amortizar a modernização de suas máquinas; irá transformar uma atividade praticamente livre de pensar e de fazer política em uma operação que precisará vender muito para se autofinanciar. (MARCONDES FILHO, 2002, p. 13)

Ainda segundo Marcondes Filho (2002), os jornais se tornaram tendenciosos e progressivamente resultariam em um amontoado de propaganda permeado de notícias. Para o autor, essa tendência foi praticada até o final do século XX.

Ainda no século XX, surge o terceiro jornalismo, que traz como principal característica o monopólio. Marcondes Filho (2002) considera a imprensa monopolista tão poderosa que só terá sua existência ameaçada por guerras ou por governos totalitários. A imagem começa a se destacar diante dos avanços tecnológicos do final do século XX. Marcondes Filho (2002) coloca, ainda, que a imagem passa a ser fundamental para comunicação, "primeiro uma cena tecnicamente perfeita; depois um texto, uma narrativa, uma notícia."(FILHO, 2002, p.31)

O quarto e último jornalismo, o da informação eletrônica e informativa, cresceu nos anos 1970, no início da era digital. As novas tecnologias criaram um novo ambiente de trabalho, transformando drasticamente a maneira de como se fazer jornalismo. As empresas de comunicação e os modos de transmissão abordados nesse trabalho se enquadram nesse período. Ao mesmo tempo abre caminho para cidadãos, sem formação acadêmica ingressarem na atividade jornalística. "[...] a tecnologia imprime seu ritmo e sua lógica às relações de trabalho,

definindo os novos profissionais, a nova ética de trabalho, em suma, um outro mundo [...]” (MARCONDES FILHO, 2002, p. 31)

2.2 JORNALISMO PARA ALÉM DO IMPRESSO

Como em nossa monografia iremos trabalhar com o Jornalismo Opinativo em veículos como o rádio e a internet, onde ganham vozes os comentaristas que iremos analisar, é importante, também, fazermos um retrospecto da história deste jornalismo para além dos veículos impressos.

A presença de novas tecnologias já é percebida nas duas últimas fases do jornalismo considerado por Ciro Marcondes Filho (2002). O surgimento do rádio nos anos de 1920 imprime maior rapidez na difusão das notícias. Porém, não havia muito espaço dedicado às notícias nesse recém-criado veículo de comunicação.

O radiojornalismo surgiu com o aparecimento da primeira emissora profissional de rádio: a norte-americana KDKA, nascida a 2 de Novembro de 1920. A emissão inaugural é toda ela informativa, transmitindo-se, ao longo de oito horas, os resultados das eleições presidenciais, em colaboração com o jornal Pittsburgh Post. As notícias passam a ter espaço próprio na rádio. Assim, pode dizer-se que os pioneiros da radiodifusão cedo se aperceberam das potencialidades informativas do novo meio, nomeadamente da sua agilidade e rapidez, que lhe permitiam noticiar os acontecimentos à medida que estes iam evoluindo. A programação das primeiras emissoras de rádio reflete bastante aquilo que a rádio ainda é hoje em dia: fornecedora de música, informação e entretenimento. Mas, nos primeiros tempos, a informação tinha pouco espaço na programação, era transmitida num único bloco. (SOUSA, 2008, p.224)

Patrick Charaudeau (2007) acrescenta a facilidade de conciliar a escuta do rádio, com outras atividades, como uma característica que torna o rádio um veículo bastante eficaz.

Todas essas características próprias ao dispositivo do rádio permitem compreender porque essa mídia, universo por excelência da voz, é particularmente eficaz quando produz: uma palavra de informação factual imediata (os flashes de informação), uma palavra polêmica nas entrevistas e debates, uma palavra intimista em certas conversas, que se aproximam da confissão, uma palavra de análise espontânea feita de comparações e metáforas, enfim, uma palavra romanesca nas narrativas de belas histórias, mesmo que, aí, a magia do verbo não seja o mais importante (CHARAUDEAU, 2007, p.109)

A chegada do rádio traz novos elementos não só para as empresas jornalísticas, como também para os jornalistas. Algumas corporações decidem que os dois veículos (jornal e rádio) poderiam conviver e até se complementar. Com isso, os jornalistas teriam que se habilitar às características de outros veículos, além do impresso.

Nas palavras de Sousa (2008), foi após a Segunda Guerra Mundial que o rádio ganhou maior destaque perante as empresas de comunicação. “Algumas delas reforçaram seus interesses no setor da radiodifusão, enquanto outras iniciaram uma política de desenvolvimento multimídia, incluindo rádio, imprensa e outros meios.” (SOUZA, 2008, p.226). A partir daí, este tipo de veículo se dissemina por vários países e só amplia a sua popularidade.

Os radiojornalistas tornaram-se, assim, técnicos especializados na recolha e no processamento e difusão de informação em rádio, embora muitas vezes também tenham competências noutros meios. No que respeita especificamente à rádio, um radiojornalista, como qualquer outro jornalista, tem de saber obter informações, mas tem também de saber adaptar essas informações à linguagem de rádio, explorando os seus diferentes recursos expressivos; tem de saber estar perante um microfone; e precisa, igualmente, de dominar os equipamentos, para poder editar as suas matérias e tirar partido dos diferentes elementos que tem à sua disposição para construir as mensagens. (SOUZA, 2008 p.226)

A televisão nasce na segunda metade do século XX, despontando como o principal veículo para difusão de conteúdos jornalísticos, superando a imprensa e até o rádio em audiência. A chegada da televisão teve suas diferenças. Na Europa, as primeiras emissoras eram estatais, isto é, ligadas aos governos dos países, já nos Estados Unidos, as emissoras foram introduzidas pelas principais cadeias de rádio privadas, trazendo diferenças latentes em suas programações (SOUZA, 2008, p.232)

O telejornalismo busca como principais referências o documentário cinematográfico, os radiojornais e as notícias e reportagens radiofônicas. “Por isso, os principais gêneros telejornalísticos são a entrevista, a reportagem e o documental [ou grande reportagem, distinta da pequena reportagem essencialmente pelo papel mais oculto e “neutral” do jornalista]” (SOUZA, 2008, p.233). Os telejornais, com reportagens audiovisuais, invadem as noites, marcando o horário nobre da televisão, que até hoje figura nas emissoras brasileiras.

O principal formato telejornalístico, configurado ao longo do século XX, é o telejornal, programa para todas as audiências, que marca o horário nobre das televisões generalistas e cuja estrutura se baseia no alinhamento de uma série de pequenas reportagens audiovisuais apresentadas ritmicamente por um pivot, por vezes intercaladas com diretos ou com entrevistas e comentários em estúdio. (SOUZA, 2008, p.233)

Com a popularização do telejornalismo, muitas técnicas usadas pelo veículo foram aproveitadas pelos outros meios. Nos anos 1980, a televisão, ao invés da imprensa escrita, muitas vezes, era quem agendava as notícias jornalísticas (na página 26 falaremos da teoria do agendamento). Com isso, a televisão obriga os políticos a adaptarem seus discursos a esse novo meio de difusão.

Por outro lado, a televisão, mais do que qualquer outro meio, obrigou os políticos a adaptarem-se à sua linguagem, para beneficiarem do seu poder sedutor, como ficou provado desde o debate entre Nixon e Kennedy em 1960. Graças à informática, o telejornalismo também se renovou, incluindo, por exemplo, infografias, em especial quando não há imagens dos acontecimentos, mas se torna necessário explicá-los com imagens. (SOUZA, 2008, p.238)

O ciberjornalismo ou jornalismo digital inicia-se com o surgimento da internet e suas redes de compartilhamento e armazenamento de dados. Uma forma totalmente nova de fazer jornalismo, apresentando instrumentos que revolucionaram as produções jornalísticas, mudando drasticamente as aptidões necessárias para exercer a profissão de comunicador. Jorge Pedro Sousa (2008) enumera as principais características do jornalismo digital, a interatividade, multimídia, hipertextualidade, instantaneidade, elasticidade do tempo e espaço, personalização, facilidade nas escolhas, convergência e diversidade. (SOUZA, 2008, p.247-248)

Enquanto meio, ou suporte, a Internet não é propriamente um Mass Media, pois, se por um lado permite a veiculação massiva de informação, por outro também permite o receptor ser simultaneamente emissor, permite a comunicação interpessoal, a interatividade, a seleção, a escolha de um caminho de navegação, etc., etc. (SOUSA, 2008, p.239)

Essa nova forma de jornalismo abre um novo e gigantesco campo a ser explorado pelos jornalistas, a convergência de veículos. Blogs, sites, lives, podcasts permitem uma grande variedade de possibilidades na construção de materiais jornalísticos.

A televisão digital terrestre, por exemplo, poderá permitir a recepção de centenas de canais de excelente qualidade. A convergência da informática, da televisão e das telecomunicações poderá, por seu turno, conduzir a televisão à La carte, em que o telespectador escolhe os conteúdos que quer consumir e a hora que quer consumi-los. (SOUSA, 2008, p.239)

E hoje no campo jornalístico, com a internet, é possível se fazer o jornalismo usando mais de uma plataforma. O jornalista de rádio, por exemplo, pode estar sendo filmado e visto nas redes sociais. O jornalista do impresso também poderá ter o auxílio de outras plataformas em sua reportagem. Portanto, há uma pluralidade de locais onde uma mesma mensagem estará sendo transmitida. É o que ocorre, por exemplo, com os comentários que analisaremos. Apesar de terem origem em um tipo de veículo de comunicação, estão presentes em várias plataformas.

2.3 OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Os gêneros são distinções entre as formas de relato da notícia, que passam pela sistematização dos processos sociais inerentes à captação, ao registro e à difusão da informação, segundo Marques de Melo (2003, p.41). Diversos autores caracterizam os gêneros, mas este autor parte da intencionalidade do material jornalístico, enquanto outros, como Chaparro (1998), definem os gêneros pela estrutura linguística do discurso, conforme analisa Assis (2010). Neste trabalho, levamos em consideração os gêneros principalmente em relação à intenção, como fez Melo. Isso, como também lembra Assis (2010), não quer dizer que não haja problemas nas configurações ou necessidade de questionamentos, até mesmo diante das mudanças no jornalismo. No entanto, é preciso criar classificações que tragam um melhor entendimento deste campo.

O campo da comunicação é constituído por conjuntos processuais, entre eles a comunicação massiva, organizada em modalidades significativas, inclusive a comunicação periodística (jornal/revista). Esta é estruturada, por sua vez, em categorias funcionais, como é o caso do jornalismo, cujas unidades de mensagem se agrupam em classes, mais conhecidas como gêneros, extensão que se divide em outras, denominadas formatos, os quais, em relação à primeira, são desdobrados em espécies, chamadas tipos. (MELO, 2009, p. 35)

Os gêneros vêm sofrendo grandes mudanças ao longo dos tempos, provenientes, entre outras questões sociais, dos avanços tecnológicos, contando ainda com o fator regional e cultural, ao qual produzem diferenças nas definições e classificações. Além disso, como nos lembra Assis (2010, p.17), essas categorias buscam “sinalizar a principal finalidade dos conteúdos jornalísticos, uma vez que as fronteiras entre informação, opinião, interpretação, diversão e serviço não são extremamente rígidas, a ponto de que um gênero possa ser considerado puro.” Ou seja, elas podem se entrelaçar em alguns momentos, estando presentes em um mesmo produto jornalístico.

Independentemente da categoria, essa decisão não é precisa, como a matemática. Isso porque o jornalismo informativo pode trazer elementos do jornalista opinativo e vice-versa. Mas Marques de Melo (2003), ressalta que é preciso haver distinção por conta da “necessidade sociopolítica de distinguir os fatos das suas versões” (MELO, 2003, p.42), já que as versões dos fatos, por sua vez, conteriam opiniões explícitas”. E este autor ainda acrescenta.

Desde então, a mensagem jornalística vem experimentando mutações significativas, em decorrência das transformações tecnológicas que determinaram as suas formas de expressão, mas sobretudo em função das alterações naturais com que se defronta e a que se adapta a instituição jornalística em cada país ou em cada universo geocultural. (MELO 2003, p.42)

A classificação adotada por Melo (2003) divide os gêneros em cinco categorias: Jornalismo Informativo, Jornalismo Opinativo, Jornalismo Interpretativo, Jornalismo Diversional e Jornalismo Utilitário. As duas primeiras são consideradas hegemônicas. (ASSIS, 2010, p. 17), tendo surgido nos séculos XVII e XIX.

O gênero Informativo é considerado o primeiro praticado no jornalismo, servindo como sua referência principal. Consiste em revelar a simples sucessão dos fatos e suas repercussões, com o objetivo de expor e revelar os fatos. Tem na notícia o seu principal produto. Inúmeros autores trataram deste gênero. A maioria concorda que o texto deve ser o mais objetivo possível e o jornalista deve manter um certo distanciamento do fato narrado.(ASSIS, 2010, p.17, 18 e 19)

O opinativo é considerado um gênero argumentativo, surgido no século XVIII (ASSIS, 2010, p. 20). A credibilidade do emissor é central nele. Ele é quem irá contextualizar determinado fato, trazendo análises que possibilitarão ao público concordar ou não com tais dados informados. O prestígio do jornalista, os dados usados por ele e a influência do veículo fazem parte da aceitação das opiniões emitidas por parte do público. A opinião se apresenta de várias maneiras nos veículos de comunicação e vindas de várias origens. Como nos lembra Melo (2003), nas redações, há espaços para os exercícios opinativos promovidos por pelo menos quatro núcleos emissores: jornalistas, colaboradores, leitores e a própria empresa. Como este gênero terá maior interesse neste trabalho, cuidaremos de explorá-lo melhor no próximo item.

O gênero Interpretativo tem na reportagem o seu principal produto. Este gênero consiste em trazer mais detalhamento dos fatos, uma maneira mais aprofundada e contextualizada, o que irá permitir uma melhor interpretação por parte do público. Não se confunde com a opinião, porque o jornalista não irá expor o seu posicionamento ou fazer juízo de valor, mas embasar a reportagem com mais dados, entrevistas e informações. A reportagem exige apuração que contextualiza o factual, mostra as causas e suas prováveis consequências.

As primeiras discussões a respeito desse gênero, especificamente no Brasil, foram feitas por Paulo Roberto Leandro e Cremilda Medina (1973). Ancorados no conceito de “interpretação” tratado pela filosofia, os autores concluem que, se a interpretação busca “encontrar o sentido das diferentes forças que atuam num fenômeno”, o jornalismo interpretativo é “o esforço de determinar o sentido de um fato, através da rede de forças que atuam nele – não a atitude de valoração desse fato ou de seu sentido, como se faz um jornalismo opinativo” (Leandro e Medina, 1973: 15-16). Além disso, também consideram que a interpretação se distancia da informação por conta da “complementação dos fatos”, da “pesquisa histórica de antecedentes” e da “busca do humano permanente no acontecimento imediato”, itens necessários para a construção de textos dessa primeira ordem, pois “enquanto a notícia registra o aqui, o já, o acontecer, a reportagem interpretativa determina um sentido desse aqui num círculo mais amplo, reconstitui o já no antes e no depois, deixa os limites do acontecer para um estar acontecendo atemporal ou menos presente” (Leandro e Medina, 1973: 23, grifo no original). (ASSIS, 2010, p. 22-23)

Outros autores consideram essencial este gênero Interpretativo na busca de proporcionar ao público realmente os significados dos fatos.

Mário Erbolato (2006: 30-31) considera o jornalismo interpretativo – “também conhecido como jornalismo em profundidade, jornalismo explicativo ou jornalismo motivacional” – como resposta aos avanços conquistados pelos veículos eletrônicos. Numa espécie de “luta contra o jornalismo falado”, os veículos impressos começaram a oferecer conteúdos complementares às notícias que são costumeiramente divulgadas em primeira mão pelo rádio, pela TV e, agora, pela internet5 (ASSIS, 2010, p. 23)

Além dos três gêneros anteriores, alguns autores ainda fazem mais duas classificações, citando como gêneros jornalísticos o Diversional e o Utilitário. O Diversional é considerado por alguns como o mais controverso dos gêneros, já que há autores que acreditam na ideia de que o jornalismo é coisa séria, portanto, com pouco espaço para diversão. É o jornalismo usado como forma de entretenimento, muitas vezes, para divertir o povo em momento de ócio, sem perder o compromisso com a veracidade. Melo (2006) considera este como gênero e explica: “A ascensão do show business contamina a produção jornalística, introduzindo ao resgate de certas formas de expressão que mimetizam os gêneros ficcionais, embora os relatos permaneçam ancorados na realidade.” (MELO, 2006)

Assis (2010, p. 27), ao fazer uma releitura de Melo (2006), diz que o gênero Diversional traz conteúdos direcionados à distração do leitor, mas que não deixam a desejar em termos de verossimilhança das informações e de seu conteúdo.

O gênero Utilitário, para alguns, é considerado uma redundância, pois o jornalismo já faz um trabalho em prol da sociedade. No entanto, esse gênero presta cada vez mais um serviço à população, auxiliando na tomada de decisões cotidianas. Por isso, tem ganhado cada vez mais espaço. Segundo Marques de Melo (2006), é o último a surgir, já no século XX.

O gênero utilitário é o mais recente dentre os gêneros jornalísticos observados nesta pesquisa. Ele surge no final do século XX, “no limiar da sociedade da informação, cujo funcionamento repousa na tomada de decisões rápidas no mundo financeiro, projetando-se também na vida cotidiana. Sua legitimação se dá com mais vigor nas sociedades povoadas pelos cidadãos-consumidores” (MARQUES DE MELO, 2006,).

Tem como objetivo orientar o povo sobre notícias que possam interferir no cotidiano do cidadão, como mudanças de horários de transportes, engarrafamentos, previsão da meteorologia, interdições de avenidas, entre outros.

3 O JORNALISMO OPINATIVO

O Jornalismo Opinativo difere-se do Jornalismo Informativo, como o próprio nome já diz, pelo emprego da opinião. No opinativo, o ponto de vista do jornalista ou do veículo é incorporado às notícias, trazendo à tona a opinião pessoal do jornalista ou o posicionamento do meio de comunicação. A opinião sempre teve espaço na história do Jornalismo, no entanto nem sempre com múltiplas vozes.

A opinião emitida por múltiplas vozes, no entanto, é uma característica dos veículos midiáticos enquanto instituições, fator que nem sempre figurou na trajetória da imprensa. O “monolitismo opinativo”, de acordo com Marques de Melo (2003), “caracterizou a vida dos primeiros jornais e revistas, que eram obra de uma só pessoa”, como ocorreu, por exemplo, com o primeiro jornal brasileiro – Correio Brasiliense –, criado em 1808. Sendo editado em Londres, aquele periódico expunha apenas o posicionamento de seu proprietário e produtor: Hipólito da Costa, considerado o “primeiro jornalista brasileiro” (LUSTOSA, 2003, p.11 apud ASSIS, 2010, p. 20)

É importante ressaltar que a questão da credibilidade é central para este gênero. “(...) para oferecer ao leitor algo além da informação, fazendo-o refletir e levando-o a convencer-se de algo, o autor de um texto opinativo “tem o dever de basear suas opiniões em dados corretos e isentos de manipulação”.(PARRATT 2008, p. 140 apud ASSIS, 2010, p. 21)

Podem revelar uma opinião propriamente dita, uma interpretação, uma análise e vão estar presente em vários campos do jornalismo, principalmente em assuntos polêmicos, como o campo político, nosso objetivo de análise. “(...) diferentemente do jornalismo informativo – caracterizado pela objetividade –, os textos opinativos são fortemente relacionados a expressões subjetivas”. (ASSIS, 2010, p. 21)

É importante lembrar ainda que alguns autores vêm fazendo revisões sistemáticas nos gêneros, especificamente no opinativo, diante do surgimento da internet e de outros meios de o jornalismo de inventar e reinventar, especificamente do desenvolvimento dos blogs – também importante para o nosso trabalho. No entanto, Assis aponta a conclusão a que estes autores têm chegado:

Depois de fazer minuciosa revisão a respeito dos gêneros jornalísticos, Lailton Costa (2008: 63) observou que apesar das “muitas transformações decorrentes da internet”, as quais suscitaram o interesse pelos blogs – já considerados páginas de “jornalismo pessoal”, sendo propícios para a publicação de textos híbridos –, “no jornalismo impresso, os formatos dessa categoria [opinativa] pouco se modificaram nos últimos anos”. O mesmo pode se dizer da opinião no telejornalismo. Em estudo recente, Guilherme Rezende (2009: 13) afirmou que três formatos dessa natureza predominam nos jornais televisivos – o editorial, o comentário e a crônica –, avigorando o mesmo resultado alcançado por ele em pesquisa anterior (REZENDE, 2000, p. 155-159). (ASSIS, 2010, p. 22)

Diante de não terem ocorrido grandes modificações nos gêneros, novamente, usaremos a classificação de Melo (2003) a respeito dos tipos opinativos para apresentá-los: Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Coluna, Crônica, Caricatura e Carta, ressaltando que este último pode ser facilmente substituído por e-mail ou pelos comentários ao final das matérias na internet. O comentário será o nosso principal objeto de análise neste trabalho e por isso estenderemos um pouco a sua parte conceitual.

O editorial é a opinião oficial da empresa, diante dos acontecimentos de maior expressão da atualidade. É o local onde o veículo se manifesta de forma clara ao seu público (MELO, 2003). Quanto ao artigo, é considerado uma matéria jornalística, em que, o autor (jornalista ou não) desenvolve uma ideia e coloca a sua opinião. Apesar da conotação “artigo” no Brasil ser empregada também com outro significado (MELO, 2003).

Se no jornalismo brasileiro o artigo tem essa dimensão explícita, representando aquele tipo de matéria geralmente escrita pelos colaboradores que se publica nas páginas editoriais ou nos suplementos especializados (MELO, 2003, p.121)

Ainda dentro deste gênero, existe a resenha ou crítica. É um tipo jornalístico ligado a produtos culturais e tem como objetivo orientar o público em suas escolhas. Uma análise ligeira, sem muita profundidade, se privando de revelar a essência do conteúdo cultural (MELO, 2003).

Evidentemente, a atuação dos resenhadores (ou críticos, como continuam ser chamados) não se restringe ao monólogo que dirigem ao público, mas procura também assumir o caráter de um “diálogo com os produtores”, oferecendo pistas para autores, diretores e atores das obras em apreciação. Dessa maneira interfere nos padrões da produção. (MELO 2003, p.132)

A crônica é considerada um gênero tipicamente brasileiro, sem equivalentes no jornalismo mundial. Historicamente crônica significa fatos narrados de forma cronológica. A crônica necessita da presença do cronista na vida mundana, em reuniões sociais, teatros, parlamento, induzindo o jornalista a uma escrita coloquial, em detrimento à escrita rebuscada (MELO, 2003).

Ainda dentro dos gêneros opinativos, existe a caricatura. Forma de ilustração com sentido opinativo. Origina-se do italiano “caricare”, que tinha o mesmo sentido de ridicularizar, satirizar, criticar. Muitas vezes, vem acompanhada de um texto que completa a mensagem. Alguns escritores já eram adeptos do humorismo, “deformando ou exagerando características de pessoas e lugares”. (MELO, 2003, p.165)

A carta é a parte da publicação reservada à opinião do público. Por meio das cartas, e-mails ou posts, os cidadãos expressam suas opiniões, reivindicações, emoções, contidos em seus pontos de vista. Usado também como uma forma de feedback, que influencia nas pautas a serem escolhidas (MELO, 2003).

Temos ainda a coluna e o comentário. Ambos são os principais tipos dentro do gênero jornalístico para a nossa análise.

A coluna revela aquilo que acontece nos bastidores da notícia, traz informações “privilegiadas”, prevendo fatos, buscando opiniões que ainda não foram noticiadas, ou ainda, exercendo um trabalho sutil, norteando a opinião pública. O colunista, muitas vezes, é quem “dá o furo”, se antecipando a outros gêneros, isso quando não serve também de fonte para outros jornalistas. Pode confundir-se com o comentário. A coluna, no caso do jornal impresso, é publicada com regularidade. Nos meios audiovisuais, também terá uma periodicidade. Geralmente é assinada e redigida em um estilo livre e pessoal (MELO, 2003).

O comentário é considerado um gênero novo no Brasil, mas muito conhecido nos Estados Unidos. É geralmente realizado por um jornalista com grande experiência e bagagem, que acompanha os fatos com o auxílio de dados. O comentarista é um observador privilegiado que tem a expertise para traduzir ao público certas tramas que envolvem os fatos. Traz uma explicação que leva o

público a se sentir mais informado e orientado. A partir daí, pode criar uma relação de credibilidade confiança entre o emissor e o receptor (MELO,2003).

3.1 O JORNALISMO POLÍTICO

“Um jogo de equilibrista”, é como define Emanuel Barreto (2006, p.13) a relação da política com o jornalismo. A junção jornalismo e política se dá, em princípio, pela convergência de ideias sobre a publicização das notícias. O político amplia a difusão dos seus feitos, enquanto o jornalista faz o seu trabalho de informar a população.

Como os políticos não conseguem estar em todos os lugares, o jornalismo e seus modos de difusão e abrangência ajudam a mensagem política a chegar a lugares, onde o emissor nunca esteve.

Existe o fato de o campo da política ser muito disputado e permeado por forte influência ideológica, o que abre espaço para notícias tendenciosas que possam beneficiar ou prejudicar esse ou aquele personagem político, incluindo as tão faladas “fake news”, contando ainda com as determinações editoriais dos veículos, que, muitas vezes, se submetem aos seus anunciantes/financiadores.

No jornalismo episódico a política é mostrada sem o seu mais essencial elemento de constituição: o debate, o confronto de ideias, para ser apenas relatada de forma circunstancial, mesmo que exibida pela ação gráfico declaratória de uma manchete. Sem um enunciado interpretativo, sem contextualização, podem prevalecer interesses ocultos, o jogo de luz e sombra da luta política, cuja a formulação o jornalismo acompanha ao elaborar relatos meramente indiciais que se refere ao jogo do poder, mas sem força elucidativa.(BARRETO, 2006, p.16)

O Jornalismo Político é um dos que têm maior prestígio na mídia tradicional, ocupando, por exemplo, as primeiras páginas ou os primeiros cadernos dos chamados jornalões. Além de sua parte informativa, é um dos que abarca grande número de colunistas e comentaristas no Brasil, que têm o papel de decodificar o que acontece no mundo político, especialmente nos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, para que a população entenda. Vem ganhando espaço também com a internet, que possibilita a criação de vários blogs, como o de Marco Antonio Villa, que será por nós analisados, mas podemos citar outros, como Catraca Livre, de

Gilberto Dimenstein, morto em 2020, Conversa Fiada, de Paulo Henrique Amorim, morto em 2019, Viomundo, de Luiz Carlos Azenha, entre tantos outros.

3.2 OS COMENTÁRIOS E O COLUNISMO POLÍTICO

A origem do nome coluna vem da diagramação vertical do jornal, as páginas eram colocadas de cima para baixo e, se fosse necessário, passava-se para a próxima coluna. Hoje as colunas tomaram os mais diversos formatos, mas o nome continua o mesmo. Segundo Marques de Melo (2003), mesmo que ocupe uma página, a denominação coluna continua sendo usada.

A coluna está inserida na classificação opinativa dos gêneros jornalísticos, em sua composição são encontradas notas, sueltos, crônicas, artigos ou textos-legendas, podendo conter várias dessas formas em uma mesma coluna. A linguagem é mais livre e traz um pouco de intimidade entre o colunista e seu público, publicada com regularidade e geralmente assinada.

Muitas vezes, a coluna goza de espaço privilegiado com circulação livre pelos bastidores da notícia, trazendo opiniões ainda não divulgadas, prevendo fatos ou exercendo um trabalho de orientação da opinião pública.

Um mosaico, estruturado por unidades curtíssimas de informação e opinião, caracterizando-se pela agilidade e pela abrangência. Na verdade, a coluna cumpre hoje uma função que foi peculiar ao jornalismo impresso antes do aparecimento do rádio e da televisão: o furo. Procura trazer fatos, ideias e julgamentos em primeira mão, antecipando-se à sua apropriação pelas outras seções dos jornais, quando não funciona como fonte de informação..(MELO 2003, p.140)

Variante da coluna de mexericos, sem trazer a “tagarelice”, segundo Melo (2003). Situa o leitor no mundo do poder, mostrando a intimidade dos bastidores da política do Brasil. Melo (2003), coloca o caráter informativo aparente esconde uma forma sutil e ostensiva de emitir juízo de valor. As próprias escolhas de fatos e personalidades que figuram na coluna, já trazem o caráter opinativo.

A coluna seria mais característica do jornal impresso, enquanto os comentários estariam presentes nas demais plataformas, como rádio, televisão e agora também por meio de vídeos em canais como o Youtube.

Não é necessário ser formado em jornalismo pra se tornar um colunista ou comentarista. Pessoas formadas em outras áreas também exercem a profissão, Marco Antonio Villa, que faz parte da nossa pesquisa, é historiador, escritor e comentarista, tem uma coluna na **Revista Isto É** e Augusto Nunes que tem sua coluna na **Revista Veja**.

É importante ressaltar que os temas debatidos por estes profissionais acabam ganhando destaque nas conversas do dia a dia e também repercussão nas redes. Mais do que os assuntos das notícias e reportagens, os temas que entram no debate dos colunistas e comentaristas ganham ainda mais holofotes diante da credibilidade deles. Como lembra Pena (2012, p. 142), a “teoria do agendamento defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas.” Iluska Coutinho (2007, p. 26) ressaltava que as colunas assinadas se tornam um diferencial como se fosse uma marca e/ou uma assinatura que valorize o “produto”. Assim, podemos entender que os assuntos debatidos por colunistas e comentaristas teriam maior destaque e repercussão entre os consumidores de notícia.

Conscientes do poder de agendamento dos meios de comunicação,

Muitos atores do mundo político se utilizariam desse processo com instrumento do jogo do poder ao ‘sugerir pautas’ e até produzir fatos ou situações que se encaixam nos chamados critérios de noticiabilidade, atraindo a atenção da imprensa (COUTINHO, 2007, p.52)

Apesar de não estarmos tratando da teoria do agendamento neste trabalho, ressaltamos esta questão por entendermos que ela solidifica ainda mais a importância do jornalismo opinativo e a força que os comentários podem ter em momentos em que esta pode ser a única ou a principal maneira de o público se informar sobre vários assuntos.

Só para se ter uma ideia de que colunistas e comentaristas ganham adeptos e fiéis leitores ou ouvintes, Coutinho (2007, p. 26) nos lembra a disputa por alguns grandes nomes do jornalismo opinativo há algumas décadas. Alguns colunistas

brasileiros eram verdadeiras “marcas notícia”, sendo disputados pelos veículos de comunicação. Segundo a autora, diretores de **Folha** e **Estadão** disputavam da “grife” Paulo Francis e também Elio Gaspari. Outras disputas foram travadas entre **Jornal do Brasil** e **O Globo** por nomes como Luís Fernando Veríssimo e Zuenir Ventura.

Feita esta revisão da literatura a respeito dos colunistas e comentaristas entendemos que, no cenário atual, estes profissionais estão cercados do maniqueísmo que tomou conta da política no Brasil. Portanto, dependendo do que argumentam, podem ser rotulados como á serviço dos partidos de “direita” ou dos de “esquerda”. A partir disso, retomaremos o que o filósofo Norberto Bobbio (1995) entende por estes termos.

3.3 CONCEITOS DE DIREITA E ESQUERDA

Por que falar em termos como direita e esquerda neste trabalho? Estes termos foram renegados em parte por autores para designar correntes políticas, principalmente após a queda do muro de Berlim, em 1989, e o fim da União Soviética, em 1991, no entanto, persistem ainda como palavras-chave do discurso político, trazendo uma carga emotiva desde a Revolução Francesa, quando foram empregados pela primeira vez no cenário político para designar jacobinos (esquerda) e girondinos (direita). Fato é que estas palavras voltaram a ser empregadas com força total na atualidade.

Duas palavras que são ainda hoje tão carregadas de significado emotivo que acirram os ânimos, a ponto mesmo de serem usadas pelas duas partes ou para magnificar seu respectivo campo ou para insultar o campo adversário. (BOBBIO, 1995, p. 29)

Não pretendemos ter um aprofundamento histórico sobre o tema, mas é importante lembrar que é desta maneira que jornalistas que publicam suas opiniões, principalmente na área política, frequentemente passaram a ser “tachados” no senso comum, como aqueles que têm opiniões mais à direita ou a esquerda. Os políticos brasileiros e de outros países também são organizados na mídia como políticos de partidos de direita, esquerda e centro. Portanto, os termos continuam sendo amplamente utilizados no cotidiano do mundo político e jornalístico e reverberam obviamente no mundo acadêmico.

Como estamos desenvolvendo um trabalho acadêmico, que procura se embasar em questões comprovadas e científicas, buscamos o pensamento do filósofo italiano Norberto Bobbio para levantar esta questão. Bobbio escreveu no ano de 1995 o livro “Direita e Esquerda: Razões e significados de uma distinção política”.

Não buscamos nenhum juízo de valor do que é certo ou errado e sobre qual o melhor ou mais justo conceito político. A intenção, porém, é entender como convivem essas diferenças e se ainda existem como ideologias políticas, e principalmente, como se inserem nas opiniões dos jornalistas contemporâneos.

É consenso entre autores que os termos esquerda e direita fazem parte de uma dicotomia antitética, usados para designar as diferenças ideológicas e os movimentos que dividem o planeta, são excludentes e opostos entre si. Uma ideia não pode ser ao mesmo tempo de direita e de esquerda, muito menos nem de direita e nem de esquerda, sem levar em consideração a existência das duas vertentes.

Para alguns autores, como já dissemos, após a queda do muro de Berlim e da União Soviética essa dicotomia perdeu, em partes, o seu valor. Com o fim de governos, ditos comunistas, acreditava-se que os valores da esquerda se perderam no tempo e se tornaram retrógrados. Existem ainda autores que consideram uma terceira hipótese chamada de centro, o que não altera em nada as diferenças entre esquerda e direita.

O filósofo mesmo explica algumas razões para a díade direita e esquerda ser negada. “A existência de novos movimentos, que não se inscreveriam nem de um lado, nem de outro”. (BOBBIO 1995, p. 40). E o exemplo citado por ele é sobre a criação dos chamados partidos Verdes, que tinham as causas do meio ambiente como centrais. “Os Verdes são de direita ou de esquerda”? (BOBBIO, 1995, p. 40) E ele mesmo responde que à medida que surgem novas demandas no mundo, os partidos vão se apoderando pouco a pouco delas, que também ganham tons ideológicos mais à esquerda ou à direita.

Fato é que, desde a Revolução Francesa em 1789, os conceitos de direita e esquerda permeiam as disputas políticas no mundo, não sendo diferente no Brasil, apesar de nem sempre abarcarem os mesmos conceitos e defesas de ideias e ideais. A complexidade do assunto movimenta embates nas mais variadas “arenas”, tanto física, quanto virtual. Considerar a esquerda igualitária não obriga a considerar a direita como desigualitária, como se espera de uma dicotomia antitética.

Quanto à relação entre direita e desigualdade, disse e repeti várias vezes que a direita é inigualitária não por más intenções – e portanto, para mim, a afirmação de que o inigualitarismo é a característica principal dos movimentos de direita, não se mostra como um juízo de moral -, mas porque considera que as desigualdades entre os homens são não apenas elimináveis (ou são elimináveis apenas com o sufocamento da liberdade) como são também úteis, na medida em que promovem a incessante luta pelo melhoramento da sociedade. O que há de “não generoso” em semelhante juízo? (BOBBIO, 1995, p.20)

Na visão do filósofo, a esquerda considera que os homens são mais iguais do que desiguais e a direita, vice-versa. Para os igualitários, existe a convicção de que a maior parte das desigualdades que os deixam indignados são sociais e podem ser eliminadas. Já o oposto, o inigualitário, entende que as desigualdades são naturais e, portanto, inelimináveis.

Se me for concedido o critério para distinguir a direita da esquerda é a diversa apreciação [apprezzamento] da ideia da igualdade, e que o critério para distinguir a ala moderada da ala extremista, tanto na direita quanto na esquerda, é diversa postura [atteggiamento] diante da liberdade (...) (Bobbio, 1995, p.118).

Mas é bom que fique claro que, ainda que Bobbio (1995, p.103) atribua maior sensibilidade à esquerda para diminuir as desigualdades, não se deseja dizer que ela pretende eliminar todas as desigualdades ou que a direita pretenda conservar a todas.

O filósofo italiano insiste que a díade direita e esquerda ainda existe mesmo em meio à cultura “pós-moderna” e em meio à complexificação das estruturas sociais. Para este autor italiano, direita e esquerda são termos que existem há mais de dois séculos contrastando ideologias, pensamentos e ações políticas. A contraposição entre direita e esquerda representa um modo de pensar por díades, a respeito do qual já foram apresentadas as mais diversas explicações – psicológicas, sociológicas, históricas e mesmo biológicas.

Conhecem-se exemplos de díades em todos os campos do saber (BOBBIO, 1995, p.32). O filósofo acredita que não há disciplina que não seja dominada por díades, usando como exemplos indivíduo-sociedade em Sociologia, mercado-plano

em Economia, transcendência-imanência em Filosofia, e por fim, direita-esquerda que é amplamente encontrada em Ciência Política.

Aqueles que consideram a invalidade das díades falam em fim das ideologias. Mas Bobbio (1995) diz que as ideologias não deixaram de existir, pelo contrário, estão muito vivas e só o fato de dizer que elas não existem já é uma questão ideológica.

Além disso, direita-esquerda não são definidos exclusivamente pelas ideologias: “Esquerda” e “direita” indicam programas contrapostos com relação a diversos problemas cuja solução pertence habitualmente a ação política, contrastes não só de ideias, mas também de interesse e de valorações (valutazion) a respeito da direção a ser seguida pela sociedade, contrastes que existem em toda sociedade e que não vejo como possam simplesmente desaparecer (SILVA, MORAES, 2019).

É importante avaliar que as análises do filósofo italiano sobre direita e esquerda devem ser passagem obrigatória para falar sobre o tema. “Bobbio não encerrou a questão, afinal, os tipos ideais não correspondem à totalidade do real, mas pode nos ajudar a levantar novas inquietações que servem de impulso para que os futuros pesquisadores se debrucem sobre esse tema oferecendo suas contribuições, assim como Bobbio o fez.” (SILVA, MORAES, 2019)

Voltamos a Bobbio, então, para chegar ao nosso objeto de estudo. O que defenderiam, então, os jornalistas/comentaristas com inclinação mais à esquerda e aqueles com inclinação mais à direita diante de um mesmo assunto? Lembrando que o modo de olhar para um mesmo fato é diferente. Será que é ta inclinação mais à esquerda ou mais à direita que leva estes comentaristas a chegarem as suas conclusões. Esta díade estaria mesmo no centro da análise? Ou não?

É importante ressaltar aqui que a escolha dos jornalistas analisados não partiu do fato de serem mais à esquerda ou à direita, ou mais ou menos governistas, visto que hoje no país temos um governo considerado de extrema direita. Partiu sim do fato de serem comentaristas por nós acompanhados diariamente e que tinham conclusões diferentes para temas comuns comentados. Vale ressaltar ainda que a carga de valor negativo que a direita carregou no Brasil por muitos anos por conta da ditadura (1964 a 1985) parece ter se dissipado.

A ciência política brasileira endossa o uso da terminologia esquerda e direita, mas não é grande a ocorrência de discussão sobre qual é a definição de cada um desses espectros ideológicos. A linha adotada muitas vezes é a de que essa filiação ideológica não tem um significado próprio, é um sentimento e o eleitor subjetivamente sabe se é de direita ou de esquerda. (SILVA, 2014, p. 151)

É essencial dizer ainda que a carga de responsabilidade de colunistas e comentaristas torna-se muito grande em um país onde a grande mídia, em especial os jornais, não se posicionam sobre suas correntes ideológicas. Enquanto em alguns países, como nos Estados Unidos, os veículos de comunicação dão o seu posicionamento de forma clara e objetiva, isso não ocorre no Brasil. Aqui, os veículos da grande mídia trabalham apenas com indícios de que são pluralistas ou livres, deixando a interpretação para o público. É também interessante dizer que canais de rádio e televisão abertos são concessões públicas no Brasil o que dificulta o posicionamento político, afinal são concessões do Estado. Por outro lado, cresce o chamado jornalismo independente ou com posicionamentos mais claros na internet.

Para tentar se aproximar dos temas dos nossos colunistas, procuramos outras fontes, além de Bobbio, que analisassem o que significa a esquerda e a direita no Brasil. Encontramos em Bresser Pereira uma pista.

(...) a esquerda se caracteriza por atribuir ao Estado papel ativo na redução da injustiça social ou da desigualdade, enquanto a direita, percebendo que o Estado, ao se democratizar, foi saindo do controle, defende um papel do Estado mínimo, limitado à garantia da ordem pública, dando preponderância absoluta para o mercado na coordenação da vida social (BRESSER-PEREIRA 2006, pp. 26-27 apud SILVA, 2014, p. 152).

É interessante ainda destacar que outros autores fazem outros tipos de classificações, como liberais x socialistas, como o economista e filósofo austríaco Friedrich August Von Hayek (1999), propondo que há não uma díade, mas um triângulo. Enquanto o sociólogo estruturalista britânico Anthony Giddens (1996) também acredita haver uma terceira via que articula tanto atributos da esquerda quanto da direita (SILVA, 2014, P. 151)

Para além da direita e esquerda tradicionais, existem estudiosos que apontam para o ressurgimento de uma nova direita e também de uma direita extremista em algumas partes do mundo. "Enquanto o diálogo é possível entre grupos moderados

de direita e de esquerda, o extremismo político inviabiliza qualquer tentativa de construção de uma pauta comum” (MORAIS, 2019, p.153-154). A intolerância, como lembra o autor, é uma das características deste grupo.

Em seu artigo, Moraes (2019, p. 154) cita a pesquisadora Marilena Chauí. De acordo com ela, a partir de 2015, percebe-se no Brasil, com maior clareza, o aumento da demanda de pessoas que defendem, por exemplo, o retorno da ditadura militar

Uma maior presença dos grupos de extrema-direita Tradição, Família e Propriedade (TFP) e, nas instâncias representativas, o fortalecimento da bancada parlamentar dos 3Bs (Boi, Bala, Bíblia), vinculadas, respectivamente, às demandas dos setores agropecuaristas, das instituições militares e de segurança pública e dos cristãos conservadores (MORAIS, 2019, p. 154)

Moraes (2019, p. 156) fala de uma reorganização simbólica do discurso da extrema-direita no Brasil, que envolve distintas culturas conservadores, entre elas, as seguintes

(i) a compreensão do indivíduo como investimento e como empresa, (ii) a propriedade privada como direito sagrado, (iii) o acúmulo de riqueza como principal índice de liberdade e de progresso individual, social e espiritual, (iv) a família cristã como fiadora dos valores morais, (v) a rigidez corporativa/hierárquica como princípio da organização social, (vi) a (re)aproximação entre Estado e Religião como garantia de hegemonia política dos grupos dominantes e (vii) o uso da violência como condição estruturante da ordem e do progresso.(MORAIS, 2019, p. 156)

O presidente Jair Bolsonaro poderia ser incluído como um integrante desta extrema direita. Moraes (2019, p. 163), lembra que Bolsonaro, quando ainda era parlamentar, já propunha uma ressignificação da ditadura militar brasileira (1964-1985), como revolução. Portanto, uma reação à suposta ameaça dos chamados “terroristas de esquerda”. A chegada dos militares ao poder teria sido a maneira de garantir a ordem das instituições democráticas do país

Para além das questões que envolvem esquerda, direita e agora o extremismo de um grupo de direita, a pergunta que fazemos é: mesmo que a imprensa brasileira tenha uma tradição explícita de não ter um viés político, os

comentaristas têm este viés escancarado? Isto é o que veremos na nossa análise neste trabalho.

4 OS VEÍCULOS E OS COMENTARISTAS ANALISADOS

Antes de dar início à análise propriamente dita, faremos uma breve apresentação dos veículos onde os comentaristas políticos trabalham. Seleccionamos duas rádios, que também transmitem seus programas em lives nas redes sociais, **Rádio Band News** e **Rádio Jovem Pan**, e um blog, também transmitido pela internet, **O Canal Marco Antonio Villa**, no Youtube. Entendemos ser importante fazer esta contextualização para que o leitor saiba onde estão inseridos os comentários dos três profissionais.

4.1 A RÁDIO BAND NEWS FM E O JORNALISTA REINALDO AZEVEDO

A **Rádio Band News**¹, de São Paulo, pertence ao **Grupo Bandeirantes de Comunicação**. Foi pioneira no Brasil no gênero “allnews”, jornalismo 24 horas por dia. Inaugurada em 20 de maio de 2005, a emissora apresenta um jornal atualizado de 20 em 20 minutos com notícias do Brasil e do mundo, com grande espaço para as informações regionais. Essa proposta de rádio faz uso de uma das principais características do rádio, a agilidade na divulgação.

Além disso, a **Band News** faz suas transmissões em audiovisual pelas redes sociais, utilizando-se da convergência para aumentar sua abrangência, transformando um mesmo jornal em radiojornal, que pode ser acompanhado simultaneamente como audiovisual.

No caso da **Band News**, o nosso objeto de pesquisa é o programa “**O é da coisa**”, mais especificamente a parte do programa em que se apresenta o comentarista Reinaldo Azevedo. O programa vai ao ar de segunda a sexta-feira das 18h às 19h20, traz notícias nacionais e internacionais com foco na política brasileira. Reinaldo tece seus comentários a partir dos acontecimentos diários noticiados pelos integrantes da mesa, que conta ainda com Fábio França e Alexandre Bentivoglio.

Nascido em 19 de agosto de 1961, em Dois Córregos, interior de São Paulo, José Reinaldo Azevedo e Silva² se formou em jornalismo na Universidade

¹ <https://bandnewsfm.band.uol.com.br/bandnewsfm/>
<https://www.youtube.com/channel/UCWijW6tW0iI5ghsAbWDFtTg/about>

² <https://www.facebook.com/ReinaldoAzevedoColunista/>
https://twitter.com/reinaldoazevedo?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor
<https://bandnewsfm.band.uol.com.br/colunista/reinaldo-azevedo/>
<https://www.instagram.com/reinaldoazevedo.com.br/?hl=pt-br>

Metodista de São Paulo e se declara de tendência direita liberal democrática. No período da ditadura foi militante de esquerda. Atualmente tem seu blog hospedado no UOL, uma coluna na **Folha de S. Paulo**, além do programa “**O é da coisa**” da **Band News**. Reinaldo foi redator-chefe das revistas **Primeira Leitura** e **Bravo**, editor adjunto e redator de política em Brasília do Jornal **Folha de S. Paulo**, redator chefe do **Diário do Grande ABC**. Por 12 anos teve seu blog hospedado na revista **Veja**, além de já ter ancorado o programa “**Os Pingos nos Is**”, que também é objeto da nossa pesquisa. Porém, em uma conversa vazada com uma de suas fontes, no caso Andréia Neves-irmã do ex-governador de Minas Gerais, Aécio Neves - aparece criticando a revista em que trabalhava. Com o vazamento, Reinaldo pediu demissão dos dois veículos.³

O comentarista também é escritor e se notabilizou por livros críticos aos governos do Partido dos Trabalhadores (PT), ficou conhecido por ter cunhado o termo petralha, usado para identificar eleitores e militantes simpatizantes da legenda. “**Contra o consenso: ensaios e resenhas**”, de 2005, “**O país dos petralhas**”, de 2008, “**Máximas de um país mínimo**”, de 2009, “**O país dos petralhasII**”, de 2012, além de “**Objeções de um rottweiler amoroso**”, 2014, são livros de autoria do jornalista.

4 .2 A RÁDIO JOVEM PAN NEWS E O JORNALISTA AUGUSTO NUNES

Rede de rádios jornalísticas pertencente ao **Grupo Jovem Pan**, a **Rádio Jovem Pan**⁴, de São Paulo, foi fundada em 7 de outubro de 2013, com a intenção de misturar jornalismo, entretenimento e esportes. Tornou-se uma das emissoras de rádio com mais seguidores da internet com quase dois milhões e meio de inscritos, combinando com a abrangência das suas mais de 90 rádios afiliadas espalhadas pelo Brasil.

³ <https://noticias.r7.com/brasil/reinaldo-azevedo-pede-demissao-de-revista-depois-de-divulgacao-de-conversa-com-andrea-neves-23052017>

⁴ <https://jovempan.com.br/jpnews>
<https://www.youtube.com/user/portaljovempan/featured>
https://www.facebook.com/pg/jovempannews/about/?ref=page_internal
https://twitter.com/JovemPanNews?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor

Com formato moderno baseado em telejornal, o programa “**Os Pingos nos Is**” é o nosso objeto de estudo neste trabalho. Apresentado por Vitor Brown, o programa faz um apanhado das notícias políticas nacionais e internacionais, com foco principal na política brasileira. O time de comentaristas é formado por José Maria Trindade, Augusto Nunes, que é nosso objeto de análise neste trabalho, e Guilherme Fiuza, que passou a integrar a equipe mais recentemente.

Nascido em Taguaritinga (SP), em 25 de setembro de 1949, Augusto Nunes da Silva ⁵ teve contato com o jornalismo muito cedo. Aos 14 anos de idade já publicava textos para os dois jornais da sua cidade. Passou pelo jornal **O Estado de S. Paulo**, ficou 13 anos na **Veja**, foi repórter da editoria Geral, redator de Educação, redator da área de Cidades, editor assistente da Geral, editor assistente da Política e redator chefe. Trabalhou com Mino Carta, na revista **Veja**, nos tempos da ditadura brasileira.

A partir de 1976, tornou-se apresentador de programas jornalísticos na televisão, tendo passado pela **TV Bandeirantes**, **TV Gazeta**, até chegar à apresentação do Programa “Roda Viva”, da **TV Cultura**, onde ficou por dois anos. No período em que ele esteve à frente, o programa ganhou por duas vezes seguidas o prêmio de melhor do ano, concedido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte. Voltou novamente ao jornal **Estado de São Paulo** para dirigir a redação. Em 1992 vai para o jornal **Zero Hora**, de Porto Alegre (RS), onde promove uma verdadeira renovação na redação. Assumiu a missão de reformular a imagem da instituição financeira. Em 1998 volta ao jornalismo, agora na revista **Época**, no Rio de Janeiro. Passou ainda pela revista **Forbes** e **Jornal do Brasil**.

Recebeu quatro prêmios Esso de Jornalismo, duas vezes na categoria reportagem e uma na categoria informação esportiva, e um na categoria especial de primeira página. Hoje, além de comentarista do programa “**Os Pingos nos Is**”, da **Jovem Pan**, Augusto comenta no **Jornal da Record**, é colunista na **Revista Oeste** e colaborador da **Veja**.

⁵ <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/nunes-augusto>

https://www.facebook.com/pg/augustonunesveja/about/?ref=page_internal

https://twitter.com/augustosnunes?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor

<https://noticias.r7.com/prisma/augusto-nunes>

O jornalista é o autor da biografia sobre Tancredo Neves, lançada em 1980. Também escreveu **“Reformador: um perfil do deputado Luís Eduardo Magalhães”**, em 2001, em parceria com Geraldo Mayrink. Em 2005, lançou **“A Esperança Estilhaçada: crônica da crise que abalou o PT e o Governo Lula”**.

Augusto é favorável a política adotada pelo atual governo e um dos comentaristas que mais apoia as ideias do presidente Jair Bolsonaro.

4.3 CANAL DO VILLA (MARCO ANTONIO VILLA)

Marco Antonio Villa⁶ é escritor, historiador, professor e comentarista político. Bacharel, licenciado e com doutorado em História, mestre em Sociologia, todos os diplomas pela Universidade de São Paulo (USP). Nascido em São José do Rio Preto (SP), em 25 de maio, de 1955, foi professor na Universidade Federal de Ouro Preto, de 1985 a 1993, lecionou ainda na Universidade Federal de São Carlos, de 1993 a 2003.

Foi colaborador dos jornais **O Estado de São Paulo** e **Folha de S.Paulo** entre os anos de 2007 a 2013. Em 2015 começa a fazer parte do quadro de comentaristas do “Jornal da Manhã”, da **Rádio Jovem Pan**. Em 2019, Villa é desligado da emissora após uma discussão com Rodrigo Constantino⁷, também comentarista político da rádio.

Com as possibilidades proporcionadas pela chegada da tecnologia aos meios de comunicação, no caso a internet, o comentarista começa a produzir suas próprias lives diárias no seu canal no Youtube⁸. Comenta sobre os acontecimentos noticiados pela imprensa nacional e internacional, com foco nos últimos acontecimentos da política no Brasil. Mesmo com pouco tempo de atuação diária, o canal já se aproxima dos 500 mil inscritos.

⁶ <http://www.blogdovilla.com.br/perfil/>

https://twitter.com/VillaMarcovilla?ref_src=twsrc%5Egoogle%7Ctwcamp%5Eserp%7Ctwgr%5Eauthor

https://www.facebook.com/pg/villamarcoantonio/about/?ref=page_internal

<https://www.instagram.com/marcoantoniovillaoficial/?hl=pt-br>

⁷ <https://istoe.com.br/apos-bate-boca-com-constantino-marco-antonio-villa-e-suspenso-da-jovem-pan/>

⁸ <https://www.youtube.com/channel/UCVqNUy4-FTLMwMKX-krfB6A>

Como escritor, Marco Antonio Villa possui uma vasta lista de sua autoria, entre eles: **Canudos, o campo em chamas** de 1992, **Canudos, o povo da terra** de 1995, **A queda do império, os últimos momentos da monarquia no Brasil** de 1996. Escreveu ainda um perfil do presidente João Goulart, o **Jango**. Em 2011; **A história das constituições brasileiras**. De 2012, **Mensalão. O julgamento do maior caso de corrupção da história da política brasileira**; **Década perdida: Dez anos de PT no poder** de 2013, mostra o tom das críticas que Villa traz em sua obra aos governos do Partido dos Trabalhadores. **Um país perdido** de 2014 e **Collor presidente. Trinta meses de turbulências, reformas, intrigas e corrupção de 2016**, são algumas das obras com a temática política.

5 COMENTÁRIOS ANALISADOS

Faremos a análise dos três comentaristas já citados, tendo escolhido três programas de cada um deles para ser analisados de acordo com a temática. Procuramos tratar os mesmos assuntos comentados para tentar encontrar diferenças e congruências entre o que é falado e na forma de enquadrar os temas. Também procuramos programas que tiveram repercussões midiáticas em outros veículos de comunicação diante da importância do tema e, conseqüentemente, no país. Optamos por utilizar como metodologia a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (1988).

De acordo com Bardin (1988), há três fases cronológicas na análise: a pré-análise, que consiste no planejamento e na escolha do que será analisado, a exploração do material, que envolve codificar e definir como será realizada a codificação do que será analisado, uma espécie de pré-análise, e a terceira fase, com o tratamento dos resultados obtidos e interpretação. (FONSECA JÚNIOR, 2008, p. 290).

Em nosso caso, antes de iniciar a análise, fizemos uma pré-avaliação de vários programas até chegar aos comentaristas que seriam analisados. A partir daí, fizemos um levantamento para encontrar aqueles em que os comentários seriam sobre os mesmos assuntos e com temáticas relevantes. Depois, passamos a observar várias questões dentro dos programas, entre eles: como é feita a abordagem do tema, qual o tipo de linguagem mais utilizada, como é a comunicação com o público, quais as estratégias para reforçar a ideia do discurso que quer passar e como finalmente a “realidade” pode ser interpretada a partir daquela fala.

A abordagem do tema consiste no ponto de vista do comentarista, se é a favor ou contra, certo ou errado. A linguagem mais utilizada, como exemplo, se o comentarista usa figuras de linguagem (ironia, sarcasmo, deboche). A comunicação com o público, se o comentarista fala de forma direta e simples ou se às vezes parece dar uma aula, como é feita essa interação com os ouvintes? As estratégias de reforço do discurso, que são as garantias que o comentarista apresenta para dar credibilidade ao seu discurso, como fontes, contextualizações históricas. E por fim a impressão de realidade que o comentarista tenta passar. O que o público pode entender da fala desses comentaristas.

Com esta análise, acreditamos ser possível chegar ao nosso objetivo. Partimos da hipótese de que o ouvinte terá conclusões diferentes ao ouvir cada um deles diante das possíveis distinções de enfoque. Apesar de não ser diretamente

nosso objeto de estudo, ressaltamos as divergências e ataques explícitos do presidente da República em relação a alguns jornalistas e veículos de comunicação tradicionais do país. No entanto, em relação aos veículos escolhidos, especificamente as rádios **Band News** e **Jovem Pan** não há registros de divergências públicas, o que não significa que seus profissionais tenham discursos apenas alinhados às ações governamentais.

Entre os temas escolhidos estão o discurso do presidente Jair Bolsonaro na Organização das Nações Unidas, ONU (24 de Setembro de 2019), a posse da atriz Regina Duarte na Secretaria Especial de Cultura (4 Março de 2020) e o valor do Produto Interno Bruto (PIB) de 2019 (4 de Março de 2020).

Como tratamos na parte teórica da questão da direita e esquerda, também buscaremos observar se são deixadas pistas a este respeito nas falas, ressaltando que tratamos como pensamento mais à direita aquele que coaduna com as políticas mais liberais, enquanto a esquerda seriam os pensamentos mais voltados para questões igualitárias e com preocupações mais voltadas para os direitos humanos.

5.1.1 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS SOBRE O DISCURSO DE BOLSONARO NA ONU

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) abriu a 74ª Assembleia da Organização das Nações Unidas (ONU) com um discurso de 31 minutos. O encontro aconteceu na sede da organização em Nova York, nos Estados Unidos. O encontro reunia as lideranças das principais nações do mundo. A reunião ocorreu no dia 24 de novembro de 2019.

- Comentário de Reinaldo Azevedo, no Programa “O é da coisa”, Rádio Band News

A abordagem do tema

O comentário tem duração de 1 hora, 11 minutos e 20 segundos. Nele, Reinaldo ressalta que pessoas no entorno do presidente plantaram a informação de que o discurso seria moderado. O comentarista diz que ele fez uma observação, “os antecedentes não são bons”. Lembra como foi feito e quem escreveu o primeiro discurso de Bolsonaro na ONU. Segundo ele, o texto foi construído pelo ministro das

relações exteriores, Ernesto Araújo , e pelo secretário para Assuntos Internacionais, Felipe Martins, discípulo de Olavo de Carvalho (“Filósofo” brasileiro que vive nos Estados Unidos, conhecido como líder da extrema direita que acompanha Bolsonaro). Além disso, teve ajuda de Eduardo Bolsonaro, filho do presidente e deputado federal, e do general Augusto Heleno. Ao explicitar quem são os construtores do discurso, o intuito da abordagem é o de criticar o conteúdo. Após embasar o seu discurso tentando mostrar a incapacidade dos construtores, conclui: era difícil nesse conjunto de influências sair um bom discurso. “E não saiu um bom discurso, não foi um juízo só meu, o juízo do mercado diz isso”. Lembra que Ernesto tinha tratado do discurso com Steve Bannon, líder de uma extrema direita populista norte-americana. Ridiculariza parte do discurso, principalmente quando pergunta se o Brasil está tomando alguma atitude para intervir na realidade interna de outros países. “É isso?” O jornalista, então, questiona se o país está em alguma luta continental anticomunista. Reinaldo diz ainda que não entendeu o que o presidente quis dizer. “Há até coisas certas no discurso, mas tem tanta coisa errada, que consegue até ter coisa certa”, resume Reinaldo.

Linguagem

Reinaldo usa o tom crítico e incisivo. As figuras de linguagem os gestos referências musicais (trecho da música da Banda Kid Abelha) e literárias estão presentes para passar sua mensagem. Em alguns momentos, utiliza o tom de conversa, referindo-se diretamente às pessoas citadas em sua fala. O tom da mesa é amistoso e a todo momento, Reinaldo brinca com os outros participantes programa. Por exemplo, ao citar o secretário para assuntos internacionais, afirma: “É um garoto que o primeiro emprego dele foi de secretário para assuntos internacionais, pelo menos primeiro emprego conhecido, não é Felipe? Isso não é uma ofensa”. Critica a pouca experiência do secretário em cargos públicos.

Faz pergunta direta ao presidente se ele pensa em ter um projeto de mídia. E ameaça: “E se eu descobrir que você também tem um projeto de mídia, que pode ser muito mais ambicioso que o suposto projeto de mídia do PT?” (referência as fake news). O comentarista fala que essas pessoas combatem o globalismo, que são os efeitos nefastos da globalização.

“Ele é dos Estados Unidos, mas pretende ter uma influência globalista. E ironiza: “Ele pretende ser um globalista, antiglobalismo”, completa Reinaldo, ao se referir a Bannon.

O deboche também ganha espaço na linguagem de Reinaldo Azevedo quando se refere ao presidente. O comentarista afirma que Bolsonaro não sabe nem mesmo pronunciar o nome do primeiro ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, que ele chama de “Natanieou”. Novamente debocha do presidente ao pronunciar o nome de Cesari Batisti. Contextualiza, Batisti foi preso pela polícia boliviana quando Bolsonaro já era presidente. Mostrando que a ironia é muito presente em seu discurso. Sobre a fala de Bolsonaro na questão do Brasil estar à beira do socialismo, Reinaldo dispara. “É uma das maiores bobagens que um chefe de estado já disse na ONU”.

Comunicação com o público

Aborda ponto por ponto do discurso, explicando de uma forma bem didática. Com foco nos dados, Reinaldo faz uma revisão de todos os detalhes apontados pelo presidente. Utiliza o tom professoral, sobrepondo-se ao tema e dando aulas aos ouvintes do que é certo e o que é errado no discurso do presidente. Reinaldo não poupa explicações para o seu público e, além de comentar com detalhes várias partes do discurso, faz conclusões sobre a fala do chefe do Executivo. Para ele, Bolsonaro não fez discurso para os chefes de Estado presentes, nem para o povo brasileiro. Um discurso que, se levado a cabo, se tiver medidas, leva o Brasil ao isolamento. “O discurso foi feito para os “bolsominions” e para os radicais de internet”.

Estratégias para reforçar o discurso

Entre as estratégias para reforçar o seu discurso neste caso estão o retorno a fatos do passado que são por ele reinterpretados, sejam os referentes a outros países ou a instituições que agiram na América Latina ou mesmo no Brasil. Em relação à fala, repete o “sim” ao final de várias frases para reafirmar o que está dizendo. Como na frase a seguir em que afirma: “o foro de São Paulo é uma

organização de esquerda, sim, tinha pretensões de influenciar as eleições na América Latina, sim, de apoio mútuo de partidos de esquerda, sim”.

Outra estratégia é a de desqualificar a intelectualidade de Bolsonaro. Reinaldo se coloca como melhor intérprete da realidade do que o chefe de Governo. Esta estratégia fica clara em vários momentos de seu comentário. Falou uma coisa certa sobre agricultura e pecuária, mas com alguma correção de conteúdo. Disse que já escrevia (discutia código florestal) sobre o assunto desde que Bolsonaro estava lutando pelo soldo dos soldados, referindo-se aos primeiros mandatos de deputado de Jair.

Faz críticas à esquerda venezuelana e a parte da esquerda brasileira que apoia o regime do presidente Nicolas Maduro e desqualifica argumentos de “esquerdistas” dizendo que o embargo feito pelos Estados Unidos à Venezuela não cola mais como desculpa do que ele coloca como genocídio causado pelo socialismo imposto aos venezuelanos.

Critica erro de português do presidente (60% do território é, disse ele, 60% do território são é o certo), usa de ironia⁹, dizendo que, pelos construtores do discurso, não podemos esperar muita coisa, fazendo alusão clara à falta de cultura dos autores do texto. Dá uma pequena aula de português, explicando o erro do presidente.

Usa de ironia, ao dizer que Ernesto Araujo chegou a sugerir abrir uma entrada pela Amazônia para os Estados Unidos passarem a intervir na Venezuela, classifica como “delírio enlouquecido”. Desqualificando o ministro das Relações Exteriores.

Diz que é verdade que França e Alemanha têm mais de 50% do território dedicados a alimentos (agricultura e pecuária). Explica porque a pecuária europeia não é uma pecuária extensiva, ela é o boi que fica no estábulo, não solto pastando como no Brasil. Contextualiza, citando a doença da vaca louca, que aconteceu porque as vacas europeias comiam ração de origem animal, pela ausência de pastagens. Cita números que aponta como certos: Brasil tem 8% dedicados a agricultura. Fala que o presidente esqueceu de colocar os quase 20% dedicados à pecuária. Acrescenta que o que está dizendo é informação, não opinião. Afirma que

⁹ A ironia é basicamente uma figura de linguagem “pela qual se diz o contrário do que se pensa, com intenção sarcástica” (CHERUBIM, 1989, p. 41).

o correto é dizer que o Brasil tem quase 30% do território voltados para a produção de alimentos e que os países europeus têm mais de 50%.

A interpretação da realidade

Ao analisar o conteúdo do discurso durante o programa, Reinaldo Azevedo o faz por partes, tentando jogar holofotes sobre determinadas questões. Assim, ele busca uma forma mais explicativa, corrigindo dados apresentados pelo governo, lembrando um professor dando aula. Aproveita para reforçar suas posições, como, por exemplo, atacar o que chama de esquerda. Como Bolsonaro fala sobre os exilados na Venezuela, o jornalista aproveita para reforçar: “de fato são quatro milhões de exilados da Venezuela”, o que Reinaldo classifica como “uma barbaridade”. Ele critica o governo do presidente Nicolas Maduro e também setores da esquerda brasileira que defendem o regime venezuelano. Mostrando que, apesar das críticas ao atual governo, continua defendendo suas posições anti-esquerdistas. “Regime facínora, que mata as pessoas de fome, que tortura e que faz prisioneiros políticos”. O regime adotado por Maduro na Venezuela é característico dos regimes de esquerda. Maduro é sucessor de Hugo Chaves, e o país segue os modelos do socialismo.

Ataca os argumentos que chama de esquerdistas em defesa do regime. Completa que a miséria que chegou ao povo venezuelano nada tem a ver com isso. Finaliza em tom professoral, dizendo que o Brasil acolhe uma parcela muito pequena dessa população. “Maioria migrou para Colômbia, Equador, Peru”. Fala da pressão exercida pelos Estados Unidos, “tentaram aquela pataquada com Guaidó”. Comenta sobre o bom senso dos militares brasileiros ao não querer fazer intervenção na Venezuela. O que segundo Reinaldo, seria um grande erro.

Mais uma parte do áudio do discurso é colocada em que o presidente cita o foro de São Paulo. Reinaldo interrompe novamente, critica a fala, dizendo que Bolsonaro tem que explicitar os crimes para chamar de organização criminosa, organização política, sim. Corrige a parte em que o presidente diz que Hugo Chaves foi criador do foro de São Paulo ao lado de Lula e Fidel. “Chaves não é fundador do foro, isso é mentira!” Diz ainda que o foro de São Paulo não tem nada a ver com a Venezuela.

Contextualiza, afirmando que o foro de São Paulo é uma organização de esquerda sim, que tinha pretensões de influenciar as eleições na América Latina sim, de apoio mútuo de partidos de esquerda sim. Entre outras questões, cita a tentativa do presidente brasileiro de interferir nas eleições argentina. Segundo Reinaldo, esta tentativa deu errado. Não teria dado errado por causa do Bolsonaro, mas ele teria ajudado. Falou que um brasileiro não deve dizer ao argentino em quem votar, ele não seguirá. Usa de sarcasmo¹⁰, dizendo que a chance do argentino votar numa iguana é maior.

Sobre a questão dos desmatamentos na Amazônia volta a usar a ironia. Pergunta: “Então devemos desmatar e, quando chegar aos níveis europeus, a gente pensa nisso? “Assim a gente se estabaca”. Como ninguém é obrigado a comprar produtos brasileiros, o selo ecológico (de preservação) tem um valor muito grande nas relações comerciais internacionais, o que não acontecia antes. Usa de fatos históricos para contextualizar o que os números friamente podem encobrir, dadas as proporções, o Brasil tem mais áreas preservadas que qualquer país europeu, só que o país começou a existir para Europa em 1500, quando a Europa já era bem devastada. Indaga-se, por causa disso, devemos pagar o pato? Não pagamos o pato, nós nos tornamos a maior potência agrícola do mundo, explorando esses 30% do território e a preservação da natureza nesse tempo passou a ter um valor, cultuado e cultivado no mundo por boas razões.

A questão de direita e esquerda está presente em vários momentos do discurso. As críticas à esquerda são igualmente feitas ao que chama de ultra direitistas delirantes. “Os ultra direitistas delirantes” dizem que essa história de capitalismo verde é coisa do comunismo, que é considerado um regime de características esquerdistas ou de extrema esquerda como alguns classificam. “Essa afirmação que é uma invenção da burrice”. Sim o capitalismo verde existe.

Outro áudio do discurso é destacado, desta vez sobre os indígenas. E, mais uma vez, uma crítica o que chama de “direita chucra”. Novamente ele usa os números, dizendo que quase 14% do território são demarcados como terras

¹⁰ De acordo com (CHERUBIM, 1989) existem quatro modos de expressar a ironia, sendo a antífrase e o sarcasmo os modos mais comuns. A antífrase exprime ideias antitéticas por meio de palavras de sentido contrário, e o sarcasmo configura-se como uma ironia desqualificadora, ofensiva ou até mesmo injuriosa. Os outros dois modos desta figura de linguagem são a parêmia, que é a repetição, de maneira debochada, de um ditado popular que encerre em si o caráter irônico, como ocorre na expressão “ensinar o padre a rezar missa”. E ainda o eufemismo, quando se busca abrandar um sentido que seria grosseiro.

indígenas. Reinaldo corrige, são quase 14% destinadas a reservas indígenas, ou demarcadas ou em processo de demarcação, o número é verdadeiro. “É uma extensão gigantesca, porque o Brasil é gigantesco.” Quase o dobro do que se destina à agricultura. Ele diz: “aí vem o pensamento simplista”. Lembra ainda que trabalhou muito pelo código ambiental. “Vem essa direita chucra” - explica que não está chamando o presidente de direita chucra, mas a base que o cerca. Resolveram confundir tudo, afirma Reinaldo.

O tom professoral volta quando Reinaldo afirma que o presidente erra ao dizer que os índios querem o que quer o homem branco, sem levar em consideração a cultura desses povos. Explica que existe uma parte da cultura que é universal, contextualiza dizendo que Balzac (referindo-se ao escritor francês Honoré de Balzac) tem um peso na França e outro no Brasil, por causa da cultura. Os índios estão em outro estágio de relação com a natureza.

Mais uma parte do áudio sobre indígenas. “Eles querem e merecem usufruir dos direitos que nós temos”, diz Bolsonaro no discurso. Faz uma pergunta: “Nós quem, cara pálida? O pessoal do Complexo do Alemão? A menina Agatha, que foi assassinada pela polícia na sua comunidade. Não conseguimos nem garantir isso às crianças que fazem parte da chamada cultura brasileira.” Critica a visão de Bolsonaro sobre o índio, essa é uma visão jesuítica do índio, uma visão colonialista do século XVI. “É o que pensava o Padre Anchieta”. Contextualiza dizendo que Anchieta veio aqui em missão jesuítica, veio cristianizar os indivíduos (índios). As críticas em relação à temática indígena continuam. “Não se deve fazer um discurso na ONU, criando inimigos”. Reinaldo encontra o que chama de apologia à diversidade, dizendo que o presidente entra em contradição com o próprio discurso.

Solta mais uma parte do discurso, dizendo que virá a pior parte, em que Bolsonaro diz que o Brasil estava à beira do socialismo. Reinaldo fala: “É uma das maiores bobagens que um chefe de Estado já disse na ONU”.

Reinaldo cita o PT e o ex-presidente Lula, dizendo, com ironia, que o socialismo foi implantado no Brasil quando Lula deu à Marinha brasileira o maior dinheiro que ela já teve para fazer o navio nuclear. “Tentamos construir o socialismo, dando um navio à propulsão nuclear para Marinha, que então é comunista. Repete, tentamos construir o socialismo dando maior dinheiro que o Exército já teve em todos os tempos, certo, senhores generais do Exército brasileiro?”, finaliza em tom mais enérgico. Desafia qualquer general a ligar para o programa e dizer o contrário.

Coloca o governo Lula como maior financiador das Forças Armadas. Novamente usa de ironia para dizer que por ser segunda-feira não há nenhum militar de serviço. Segundo ele “a soldadesca” é dispensada as segundas por falta de dinheiro.

Disse novamente que inauguramos o socialismo quando compramos os caças Gripen, no governo Lula efetivado no governo Dilma. Novamente se referindo ao financiamento dos governos do PT às Forças Armadas. “Para fazer o socialismo, fala ao presidente, nós (ironia), os comunistas, aparelhamos a Marinha, a Aeronáutica e o Exército. “É uma bobagem que só engana vigaristas e trouxas. “Vigaristas que divulgam essas inverdades para ganhar seguidores de internet e os idiotas que acreditam”, finaliza Reinaldo.

Ainda faz recortes do discurso em que os temas são o Mais Médicos. Repete que não é verdade que os médicos não tenham comprovação. O Brasil ficou sem médicos, o pobre ficou sem médico.

Defendeu Sérgio Moro, falando que o Brasil foi tomado pelo roubo. Bolsonaro disse que presidentes que o antecederam desviaram bilhões de dólares, comprando parte da mídia e do parlamento. Critica a ideologia de gênero, na ONU. “Inventaram um negócio de ideologia de gênero e que os presentes não entenderam nada.” O presidente criticou o discurso politicamente correto.

Finalmente, diz que houve alguns acertos no discurso, mas que mal disfarçaram uma quantidade gigantesca de erros. “Virou uma coisa de Brasil versus o mundo” e finalizou dizendo que não foi um bom discurso.

Comentário de Marco Antonio Villa (Canal do Villa, no Youtube)

Abordagem do tema

O comentário teve 27 minutos e 40 segundos de duração. O tema é tratado de uma forma mais austera e com contextualização histórica. O comentarista começa classificando o discurso de 33 minutos como trágico. Usa muito a comparação com assembleias passadas, em que, segundo ele, os representantes brasileiros reuniam todos os requisitos para um bom discurso, “em detrimento desse governo que envergonha o Brasil”. Revelando a linha de abordagem do tema.

Explica o contexto histórico do porquê de o presidente brasileiro ser o primeiro a discursar, lembrando que a tradição começou com o embaixador Ciro Freitas Vale. Na primeira seção da ONU, ficou a dúvida de quemalaria primeiro: Estados Unidos ou União Soviética, que viviam assombrados pela guerra fria. O embaixador brasileiro se prontificou a fazer o primeiro discurso, dando início a essa tradição histórica. O comentarista cita como fonte Saraiva Guerreiro, diplomata brasileiro, que foi ministro das Relações Exteriores do governo João Figueiredo. Figueiredo foi o primeiro presidente a discursar, todos os presidentes foram, exceto Itamar Franco. Deixando claro o tom crítico da abordagem.

Linguagem

Tem uma linguagem mais séria e rebuscada, usa de menos figuras de linguagem e de mais informações e dados. Como historiador, traz consigo todo o contexto histórico do fato como diferencial. Como exemplo a questão do Brasil por tradição ser o primeiro país a discursar nas assembleias da ONU e o contexto da eleição de Jair Bolsonaro. Sem esquecer das referências literárias. Faz bastante uso de repetição, como forma de destacar alguns fatos. É mais direto ao fazer suas críticas e faz contextualizações, trazendo números de forma mais sistemática. Mantém mais respeito ao falar do presidente Bolsonaro (o que não acontece mais nos dias de hoje), a quem não faz deboches diretos, mas suas críticas a Olavo de Carvalho, que chama de Marginal da Virgínia, são uma constante em suas falas. Os adjetivos negativos falados ao longo dos comentários são dirigidos ao texto lido por Bolsonaro, que teve Olavo de Carvalho como um dos construtores.

Comunicação com o público

Villa tem um canal próprio no Youtube, então, fala muito mais por si do que por qualquer veículo onde esteja inserido. Ao contrário dos outros dois comentaristas analisados, ele é o único que estaria neste canal “independente”. Lembrando ainda que diferentemente dos outros dois veículos de comunicação o canal não veicula

propagandas o que deixa o canal menos suscetível a pressões externas. Apesar do tom dos comentários continuarem os mesmos de quando fazia parte do time de comentaristas da **Jovem Pan**. Sua comunicação é direta. Fala para um nicho mais ligado às questões políticas e mais seletivo já que é preciso procurar o endereço de seu blog para ouvi-lo, além de um conhecimento básico do assunto que será comentado. E ainda ao contrário dos outros dois comentaristas que estão em rádios de grande audiência em São Paulo e com entrada em outros municípios do país.

Estratégias para reforçar o discurso

Entre as estratégias está a de usar outras fontes de credibilidade para reafirmar o que está dizendo. Além de falar da má repercussão da fala de Bolsonaro na ONU, Villa reforça o que está dizendo ao citar a entrevista de Rubens Ricupero, a quem chama de brilhante diplomata, ao jornal **Estado de São Paulo**. “Nas palavras de Rubens, pronunciamento desastroso. O pior pronunciamento de um representante brasileiro”. Rubens lembra ainda que o maior prejudicado será o agronegócio.

Coloca ainda como fonte o diplomata e ex-ministro das Relações Exteriores do governo João Figueiredo, Saraiva Guerreiro, pelo fato de ter sido o primeiro discurso de um representante brasileiro na ONU.

Também cita um texto de Lauro Jardim, colunista de **O Globo**, como fonte para reforçar o que quer dizer: “Logo após o discurso, Bolsonaro foi conduzido para a sala de onde Trump saía para fazer seu discurso. Segundo diplomatas que testemunharam a cena, Bolsonaro mandou um “I Love you” assim que o avistou. Como resposta recebeu um “bom te ver” do presidente americano. O comentarista termina usando uma ironia: “O amo desprezou o aio.”

A interpretação da realidade

Segundo Villa, a repercussão do discurso foi extremamente negativa, citando a imprensa internacional como fonte. Muito ruim para a economia e o agronegócio frente aos países que fazem negócios com Brasil. “Foi um desastre. ”O comentarista lembra que já havia comentado que isso já era previsível”. Apesar das

“Polianas”, nome dado as pessoas em torno do Presidente e que pregavam um discurso mais amistoso e positivo.

O comentarista também pinça algumas partes do discurso para comentar, como a de ressaltar Cuba como maior inimigo do Brasil. Villa critica a posição do presidente ao fazer referência elogiosa a ditaduras genocidas do Cone Sul.

O presidente falou do Mais Médicos, trazendo uma série de dados. Falou da Venezuela, como se o Brasil tivesse recebido o maior número de refugiados. Villa contextualiza que o Brasil recebeu 10%, a Colômbia recebeu quase um milhão. A impressão é que o socialismo, regime característico de movimentos de esquerda, ainda é uma coisa presente no mundo. Ironiza a queda do muro de Berlim, que não significa nada para Bolsonaro, explicação histórica para a derrubada do sistema socialista que dividia a Alemanha e que influenciou o mundo. Diz que o presidente é limitado, cita o filho Carlos e sua dificuldade para escrever.

Aponta que o discurso foi feito por Olavo de Carvalho, a quem se refere como marginal da Virgínia, e Steve Bannon, diretor de uma organização neofascista e antissemita chamada Movimento, de extrema direita. Contextualiza falando da forte influência da organização na Polônia, na Hungria, aliado de Matheus Salvini, na Itália. “Esse movimento consegue reunir o que há de pior”, comenta Villa. Na América do Sul, essa organização tem como representante Eduardo Bolsonaro. Comenta que Trump deu um “chega para lá” em Steve Bannon. Eduardo jantou com Bannon duas semanas antes do discurso. Ernesto Araujo também encontrou Steve Bannon nos Estados Unidos, reforça Villa. Ao fim do discurso, os aplausos foram mínimos, no decorrer do discurso silêncio, nenhum aplauso.

Comenta que Bolsonaro elogiou ditaduras, como as de Augusto Pinochet (no Chile) e Jorge Rafael Videla (na Argentina), explica a conjuntura, dizendo que o chefe do Executivo, ao dizer “nós vencemos Cuba”, elogia indiretamente as ditaduras direitistas da América do Sul. Faz uso de figuras de linguagem, busca embasamento na ironia: “Nós estamos vivendo o socialismo aqui e não sabíamos. O Temer é socialista, tem partido único, socialização dos meios de produção, a Constituição é socialista, havia ateísmo como religião do estado, define como loucura, as declarações.”

Repete o comentário sobre a organização Movimento de Steve Bannon, fascista e antissemita. Usa contexto literário com livro clássico, 1984 de George Orwell, como referência de distopia. Lembra ainda que os fanáticos extremistas são

poucos, não os 57 milhões que votaram nele, apenas 10% são extremistas, o resto votou nele para impedir a eleição de Fernando Haddad, do PT. Segundo Villa, não era apoio às ideias antipatrióticas, antisemitas, reacionárias e neofascistas dele.

Lembra novamente a entrevista com o embaixador Rubens Ricupero: “Vai criar problemas políticos, comerciais e diplomáticos para o Brasil.” Aponta que Bolsonaro não teve nenhum encontro bilateral e que nem o presidente dos EUA, Donald Trump, o recebeu. “Desastroso, pavoroso, humilhante, incompreensível”, assim Villa classificou o discurso.

Comentário de Augusto Nunes (Rádio Jovem Pan, Programa Os pingos nos is)

Abordagem do tema

O comentário de Augusto tem 6 minutos e 55 segundos. Abordagem sem críticas, o comentário reafirma o que foi colocado por Bolsonaro no discurso feito na ONU. Acha que o governo fez um bom discurso, sério. Inclusive cita que deve ser um discurso a ser seguido. O comentarista contesta informações de que o discurso de Bolsonaro tenha sido agressivo: “Discurso agressivo coisa nenhuma”. Com um discurso totalmente favorável ao governo e em certo ponto crítico da imprensa.

Para ele, o presidente mostrou que o Brasil trocou de governo e que está sob nova orientação. “A gente, jornalistas independentes, a gente critica, critica erros, aponta caminhos.” Ainda na forma de abordar o tema, Augusto Nunes acrescentou que não se sentia “nem um pouco atingido quando o presidente ataca a imprensa”. Contextualizou dizendo que a fala do Governo é dirigida aos três “jornalões” (**O Globo, Folha de S. Paulo e Estado de São Paulo**), à **Rede Globo** e aos blogs que ainda estão a serviço do PT.

Acrescentou ainda: “Quem votou nele gostou, quem não votou não gostou, é claro.”, dispara Augusto. Dividindo os cidadãos brasileiros, como se o país ainda vivesse o clima de eleição. De um lado as pessoas que gostam do presidente e de outro as que não gostam, desvirtuando do assunto principal que era o conteúdo do discurso de Bolsonaro na ONU. E reforça a polarização fazendo críticas e acusações ao PT e ao ex-presidente Lula de receberem propina em empréstimos a países africanos nos governos do PT.

Faz críticas à imprensa brasileira, dizendo que todos os jornais brasileiros têm o mesmo redator de manchete e ainda que a imprensa faz oposição ao governo. Cita a Rede Globo e lembra que o PT está infestado de comunistas.

Linguagem

Linguagem direta, incisiva e, algumas vezes, até agressiva, como o próprio slogan já diz, opinião com credibilidade, valorizam a opinião do jornalista. Como comentou do discurso do presidente, Augusto fala para o público a favor do governo, com comentários bem alinhados à ala bolsonarista, muito presente na internet. Com uma linguagem bem popular, cita o escritor, dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues para contextualizar o termo “complexo de vira lata”, usado originalmente para o futebol, utilizado por Lula em entrevista, segundo Augusto.

Comunicação com o público

Segue o editorial da rádio com forte tendência favorável ao governo atual. Traz um ponto de vista do viés dos apoiadores de Jair Bolsonaro. Sua audiência vem basicamente de apoiadores do presidente, anti-lulopetismo e ainda pessoas avessas aos regimes de esquerda. Termos como comunistas e petistas são comuns e usados de forma pejorativa. Mostrando forte tendência a regimes de direita em detrimento dos chamados “esquerdistas”. A base ideológica direitista favorável ao governo é o público-alvo dessa mensagem. Nunes ostenta postura de político em seus comentários, com intenção de passar credibilidade.

Estratégias para reforçar o discurso

Não compactua com a opinião dos outros dois comentaristas analisados. Não encontra erros no discurso. Aborda um novo ponto de vista para explicar os fatos.

Reforça a ameaça, que segundo ele, o país sofre de se tornar a Venezuela, ataca os regimes de esquerda. Usa o termo comunista para identificar simpatizantes do Partido dos Trabalhadores. Uso recorrente são as acusações ao Partido dos Trabalhadores e ao ex-presidente Lula.

Usa comparação com o discurso do presidente dos Estados Unidos Donald Trump (o governante americano goza da simpatia dos apoiadores de Bolsonaro), também é considerado de extrema direita, para reforçar que o discurso foi duro, mas não foi agressivo. Reforça declarações bastante disseminadas nas redes sociais pelos apoiadores do governo Bolsonaro. “O Brasil queria ser a Venezuela”, comenta Augusto.

A interpretação da realidade

Augusto Nunes acredita que Bolsonaro fez um bom discurso. Firme sem ser agressivo. “O discurso foi bom, foi claro e deve servir de modelo, não se deve agir com o fígado, deve-se agir com esclarecimento, é o que ele fez hoje”. Falou dos acordos econômicos firmados pelo Brasil, fez um balanço dos oito primeiros meses do governo. “O Brasil está mudando e tentando resolver os seus problemas”, comenta Augusto.

Entra no caso PT e Lula, comenta o que Lula disse em uma entrevista: “Não me lembro qual, ele dá entrevista todos os dias”, completa. Comenta a fala de Lula: “Para ter protagonismo tem que ser generoso”. Ataca dizendo, “isso porque ele estava explicando que ele mesmo fez na África, a política externa da canalhice, e ele recebeu propina para isso”. Continua colocando que o Brasil é um país pobre e não tem dinheiro para emprestar, quem faz isso está interessado na negociata.

Compara a Amazônia às Pirâmides do Egito e pergunta, por que a humanidade não reivindica as Pirâmides? Reforça que o Brasil sabe cuidar da Amazônia e que não abre mão da sua soberania, avisa ainda que a floresta Amazônica é a maior floresta tropical do mundo. Afirma que os outros países não têm mais florestas porque não preservaram. Lembra que o presidente recebeu a herança maldita de governos antecessores, novamente em alusão ao Partido dos Trabalhadores. Dirige-se a Lula mais uma vez citando, “com Lula o Brasil foi o pobretão metido a besta, que se fantasia de rico com fraque dos fundidos”.

Contextualiza o termo complexo de vira latas, usado por Lula, dizendo que vem do futebol, com Nelson Rodrigues, após a derrota do Brasil para Uruguai na final da Copa de 1950, conhecido como “maracanaço”. Refere-se aos índios com ironia, “os índios vão ficar expostos à visitação pública para mostrar como era o Brasil em 1500, a aculturação é inevitável”, completa Nunes. Diz achar graça em

quem defende hábitos indígenas, mas não quer andar de tanga e ficar na selva com eles, os índios usam tudo que a civilização proporciona. Reafirma que o discurso foi firme, despreza a figura do Cacique Raoni. Mais uma vez fala do PT, dizendo que o partido já havia soltado várias hashtags falando mal do discurso antes mesmo do início da assembleia, completa que as redações estão cheias de petistas e que são eles que fazem as manchetes. “Bolsonaro falou para o mundo e para o Brasil que pensa e que muda de ideias.”

5.1.2 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS SOBRE A POSSE DE REGINA DUARTE NA SECRETÁRIA DA CULTURA

A atriz Regina Duarte tomou posse na Secretaria de Cultura do Governo Jair Bolsonaro em cerimônia realizada na manhã do dia 4 de Março de 2020. Regina é a quarta ocupante do cargo em 14 meses. O Ministério do Turismo informou que a pasta que seria comandada pela atriz tem um orçamento de R\$ 2 bilhões para 2020.

- Comentário de Reinaldo Azevedo, no Programa “O é da coisa”, Rádio Band News

Linguagem

O comentário teve a duração de 7 minutos e 30 segundos. Em tom crítico e usando de ironia, Reinaldo Azevedo inicia o comentário desqualificando Regina e chamando-a de “Noivinha de 72 anos”. Dessa forma já demonstra o tom jocoso com que o comentário será construído. Com forte dose de ironia, beirando até o deboche, o comentarista pergunta. “Nossa, por que a posse contou com pouca adesão da classe?” Lembrando que grande parte da classe artística criticou Regina por aceitar o cargo no governo do presidente Bolsonaro. Continua com pesadas críticas à secretária da Cultura: “Uma senhora falando como uma criança cretina.” Usa de uma frase da própria atriz para tecer um comentário bem ácido: “Cultura na concepção dessa gente é realmente uma palhaçada, mas palhaçada no sentido mais negativo do termo que possa ter. Isso é nada!”

Em determinados momentos, o tom é ainda mais áspero, chegando ao sarcasmo, que é uma ironia insultuosa, uma zombaria que busca mesmo ofender. É uma ação de dizer o oposto do que se quer, de maneira mordaz e amarga. Isso

ocorre, por exemplo, quando Reinaldo fica boquiaberto com o trecho do discurso de Regina em que ela fala do pum do palhaço que espalha talco no picadeiro. O comentário primeiro é: “Meu Deus!!!”, como se não estivesse acreditando no que estava ouvindo.

Comunicação com o público

Apesar de ser um programa de rádio, que se passa no estúdio da rádio Band News, ele é transmitido em live pela internet, Reinaldo Azevedo conta com este recurso para fazer caras e bocas. Após ouvir parte do discurso de Regina Duarte. Ele faz uma pausa. E o próprio jornalista lembra que Reinaldo inventou a “pausa eloquente” no rádio.

Estratégias para reforçar o discurso

Uma das estratégias é desqualificar a decisão tomada pelo governo da escolha de Regina Duarte, considerada por ele sem as qualidades e experiências exigidas para o cargo. Para isso, dá a entender que, de um lado, estariam os tolos, enquanto, do outro, a inteligência. Mostra erudição ao citar outras vozes para justificar o seu discurso, chamando Regina Duarte de “velha tola”, muito próxima de ser romântica e ingênua. Em determinado momento, cita o escritor português Antero de Quental, nascido no século XIX, para reforçar suas ideias. O escritor era um crítico do romantismo. Ele repudiava as velhas ideias do período conhecido como Romantismo, envolvendo sentimentalismos. Também cita o escritor Ziraldo.

Lembra que Regina não tem o apoio da classe artística, a associação dela ao governo Bolsonaro seria no sentido de apaziguar essa relação que apresenta muita tensão.

A interpretação da realidade

Reinaldo coloca o discurso como piada, tirando toda a credibilidade da cerimônia de posse da nova secretária Especial de Cultura. O programa acontece em um clima bem humorado, chegando algumas vezes ao deboche. Chega a

insinuar ironicamente que a atriz “fumou maconha”, colocando o discurso como sem sentido. A atriz usou figuras de linguagem e forma teatral, chegou a dizer que a cultura é feita de palhaçada. Reinaldo interpretou o que foi dito, como a forma que a cultura vem sendo tratada no governo do presidente Jair Bolsonaro.

O comentarista diz que Regina Duarte mente ao dizer que o governo Bolsonaro quer integrar as pessoas. “Farsa”, completa. Comenta que a associação de Bolsonaro a Regina Duarte vem para apresentar um Bolsonaro mais “soft”.

Revela que Regina Duarte já é alvo da ala mais “heavy metal” dos bolsonaristas. Cita os seguidores de Olavo de Carvalho, a quem chama de “olavetes”, por não terem gostado da Regina no cargo. Contextualiza, explicando que o motivo do ódio é a exoneração de vários seguidores de Olavo, incluindo Dante Montovanni, segundo Reinaldo, terraplanista. O comentarista lembra das falas de Dante, sobre o Rock levar ao aborto e ao satanismo. Lembra também de Camilo Calambrelli, aluno de Olavo e bolsonarista ferrenho nas redes sociais. “Regina foi chamada de Cavalo de Troia da esquerda e comunista”, completa o jornalista.

- Comentário de Marco Antonio Villa, do blog do Villa

Abordagem do tema

O tempo do comentário é de 15 minutos e 15 segundos. Abordagem é séria e em tom respeitoso com a atriz Regina Duarte, porém mostra muita desconfiança sobre os resultados da parceria. Muitas críticas a Olavo de Carvalho e seus seguidores, além das críticas ao governo. Inicia com uma indagação, “Regina, a breve. Será? Em referência a Pepino, o breve, Rei Franco que viveu em meados dos anos 750. Coloca que a atriz está em estágio probatório, segundo palavras do presidente. Comenta que, já no dia da posse, Regina tomou três pancadas (os ataques dos seguidores de Olavo, a declaração do presidente que pode exercer o seu poder de veto e a insubordinação do presidente da Fundação Palmares), o que mostra os problemas que a atriz terá de enfrentar são bem complicados. “A Regina está entrando, nem sei onde ela está indo”, finaliza Villa.

Linguagem

Marco Antonio Villa não usará da ironia ou de outras figuras de linguagem para tratar o assunto sobre a posse de Regina Duarte. Seu tom é mais sério e direto, não faltando ao respeito e nem adjetivando a atriz. Trata Regina como “prezada”. É como se mantivesse o respeito pela trajetória da artista, mas discordando da escolha de seu nome para o cargo da Secretaria Especial da Cultura.

Comunicação com o público

Faz um discurso mais explicativo e analítico para que o seu público compreenda o que ocorre e as consequências de tal fato. O jornalista fala também de outras temáticas, em tom igualmente sério, como o PIB e a importância das eleições presidenciais nos Estados Unidos.

Estratégias para reforçar o discurso

Para reforçar seu discurso, faz uma retrospectiva de acontecimentos que podem dar um melhor enquadramento da realidade que quer construir e mostrar. Em sua fala não há espaço para brincadeiras, caras e bocas. Usa o seu tempo para falar mais da parte política do que do conteúdo “lúdico” do discurso de Regina, que teve maior repercussão midiática, ao fazer comparações com tipos de artes mais populares, como o circo.

Novamente traz a fonte, nesse caso a **Revista Veja**, sobre uma postagem de Olavo de Carvalho nas redes sociais. Usa de referência histórica para contextualizar a ideia de guru, a qual ele coloca Olavo: guru do presidente. Novamente faz uso do contexto histórico para discordar de declarações do presidente da Fundação Palmares.

Como interpreta a realidade

Ao contextualizar a posse de Regina Duarte, Marco Antonio Villa analisa não só o episódio em si, mas traz a conjuntura dos fatos. Começa com uma indagação que já explica muito da sua visão da notícia. “Regina, a breve. Será?”

Da sequência ao comentário apontando o que para ele é um ponto político no discurso. Cita a fala da atriz, sobre carta branca e porteira fechada, o que, segundo o comentarista, o presidente responde imediatamente em seu discurso, dizendo que pode exercer seu poder de veto. Lembra que o presidente a colocou em um período probatório, portanto seria testada no cargo.

Coloca o que pode ser outro problema na administração da secretária Especial de Cultura, apesar de subordinado ao órgão que será comandado por Regina, o presidente da Fundação Palmares deu declarações de que não sairia do cargo se fosse exonerado pela nova secretária, porque foi nomeado diretamente pelo presidente. “Já entra enfraquecida”, completa Villa. Contextualiza sobre o presidente da Fundação Palmares lembrando a fala de que a escravidão foi benéfica para os descendentes.

Classifica Olavo de Carvalho, como “marginal da Virginia”. Lê uma postagem de Olavo de Carvalho, usando **Revista Veja** como fonte. “Aplaudir uma indicação de Regina Duarte me parece ter sido uma cagada minha, mais uma entre tantas. Não sei onde vou arrumar tanto papel higiênico.” O comentarista debocha do nível do comentário. “Ele se diz filósofo.” Aponta Olavo de Carvalho como guru do presidente e ironicamente faz menção aos imperadores da história que tinham sábios como gurus.

Cita os ataques a Regina feitos por seguidores de Olavo, chamando a atriz de esquerdista e perigosa comunista. Volta a comentar que a secretária já tomou três pancadas, mostrando a dificuldade que a artista terá para conseguir realizar uma boa gestão. Comenta a possibilidade de Regina se queimar politicamente.

Coloca que governo despreza a cultura e completa: “Despreza a Constituição, despreza as liberdades democráticas, desrespeita os jornalistas.”

As críticas se voltam para o presidente, o que segundo o comentarista tem um torturador como herói e um “marginal” como guru. Fala sobre as boas intenções da artista para acabar com as tensões de artistas versus governo. Villa termina desejando uma boa gestão, mas duvida da permanência da atriz por muito tempo no cargo.

Comentário de Augusto Nunes (Rádio Jovem Pan, Programa Os pingos nos is)

O programa na rádio **Jovem Pan** tem dois comentaristas no dia em que se fala da posse de Regina Duarte. Primeiro José Maria Trindade e depois Augusto Nunes, que é nosso objeto de análise. Primeiramente, o tema é apresentado. Destaca-se que Regina toma posse e fala em “pacificação”. Ou seja, a tentativa é de trazer um tom conciliador para ser comentado. O comentário de Augusto Nunes tem a duração de 2 minutos e 40 segundos.

Linguagem

Ao contrário dos outros dois comentaristas, aqui não há espaço para ironia, escárnio ou zombaria. Somente elogios. O assunto da posse de Regina Duarte é tratado com toda a seriedade. Ela é colocada como se fosse o nome que veio para apaziguar, uma pessoa qualificada e que deve ter até o status de ministra por sua capacidade e deferência. Ou seja, a escolha certa para o momento certo. Também há respeito ao governo Bolsonaro e críticas à forma da “esquerda” de olhar para a posse da atriz.

Comunicação com o público

Durante o programa, há uma tentativa de convencimento do público por meio de “explicações da realidade” e de justificativas para as falas de Bolsonaro a respeito do Ministério do Turismo. Partes do discurso de Regina e partes do discurso de Bolsonaro durante a posse são divulgadas antes dos comentários. A tentativa é de justificar o que diz Bolsonaro, de que é preciso intervir em alguns casos e em algumas nomeações, como ele faz em qualquer ministério. Augusto Nunes faz comparações com outras áreas. Diz que numa redação de um veículo de comunicação se alguém contratar um jornalista ruim, o chefe irá mandar demiti-lo. Também compara com a hierarquia militar, onde um capitão obedece um general. Como se lembrasse que Bolsonaro já foi capitão, deixa bem claro que isso ocorre na hierarquia militar.

Reforçando o discurso

Regina é exaltada ao longo do comentário de Augusto, como também no comentário de José Maria. O tema da pacificação foi central no programa. Augusto Nunes disse que “não é preciso tornar mais tensa uma relação”. Ele reforça este discurso de que é hora de seguir e aproveitar a “fama” de Regina. Para isso, lembra, sem maiores explicações, que Fernando Henrique Cardoso também convocou o rei Pelé para ser ministro dos Esportes, quando ele assumiu em 1995. Usa esta comparação e ressalta que Regina “é plenamente qualificada para ser uma grande ministra. Tanto é que a esquerda está apavorada”. Desta maneira, o discurso de que está falando em consonância com a “direita” fica explícito em seu comentário.

Como interpreta a realidade

A posse é vista como um acontecimento, com o salão cheio de autoridades importantes, com todas as pompas de um ministro. A posse é apontada como solução para o setor da Cultura. O fato de Regina ser nomeada não dá a ela o direito de ter “carta branca” ou “porteira fechada”. Apoiar a posição do presidente, trazendo a argumentação do chefe do Executivo para o comentário, dizendo que tem coisas que não precisam ser ditas: “É claro que não existe carta branca”.

No início do programa, o jornalista cita que, na véspera, 12 pessoas foram exoneradas da secretaria e que a maioria era indicada por Olavo de Carvalho. O jornalista diz até que houve “elevação da temperatura”, mas, tanto José Maria Trindade quanto Augusto Nunes, fazem questão de colocar panos quentes, como se diz na gíria popular quando se quer apaziguar os ânimos.

Vale ressaltar aqui outro importante ponto destacado, apesar de ter sido dito por José Maria Trindade. Ele dá razão a Bolsonaro e diz que o presidente está certo quando fala da Lei Rouanet em seu discurso, afirmando que o dinheiro da lei era mal empregado e que escritórios especiais vinham sendo criados para captar o dinheiro no mercado, enquanto tantos artistas ficavam sem o recurso. Portanto, a realidade explicitada no programa é de que o governo está no caminho certo e tem feito o seu melhor, tanto em decisões quanto em escolhas de nomes. “Regina está plenamente qualificada para ser uma grande ministra”, finaliza Nunes.

5.1.3 ANÁLISE DOS COMENTÁRIOS SOBRE O RESULTADO DO PIB 2019

O Produto Interno Bruto (PIB) brasileiro em 2019 cresceu 1,1%, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE). Foi o pior desempenho dos últimos três anos. Em valores correntes, o PIB totalizou R\$ 7,3 trilhões em 2019.

Comentário de Reinaldo Azevedo (Programa O é da coisa, Rádio Band News)

Abordagem temática

O comentário de Reinaldo tem 15 minutos. A abordagem é bem crítica não só em relação ao presidente Jair Bolsonaro, mas também ao ministro da Economia, Paulo Guedes, e todo o Ministério. O comentário começa com uma provocação de Reinaldo, chamando o resultado do Produto Interno Bruto (PIB) de 1,1% de “pibinho”, em alusão ao PIB registrado na época do governo da presidenta Dilma Rousseff (PT). Um dos integrantes do programa lê a notícia, com a informação de que é o menor resultado dos últimos três anos. Contextualiza lembrando que a projeção inicial do mercado era 2,55%. “O Governo falou mais de 3%, e o ministro da Economia, Paulo Guedes, chegou a falar até em 4%.”

Para finalizar faz previsão caótica para os indicadores financeiros para 2020. Reinaldo pede responsabilidade aos integrantes do governo no tratamento das contas públicas que, além de tudo, sofrerão os impactos das medidas tomadas em questão da pandemia de corona vírus.

Linguagem

O uso da ironia se mantém neste episódio, principalmente ao fazer referências a nomes do governo, como o do ministro da Economia. Mantém também o tom pejorativo, como no momento em que aconselha Paulo Guedes a se cuidar para que o presidente Jair Bolsonaro não destrua sua reputação. Usa ainda um tom mais sério ao pedir responsabilidade aos governantes com a economia do país.

Utiliza-se de música popular brasileira para pedir seriedade ao presidente da República, criticando seu jeito de “tiozão”. Segundo Reinaldo, isso atrapalha na credibilidade de Bolsonaro.

Comunicação com o público

Diferentemente dos outros dois comentários analisados, neste, Reinaldo usa de maneiras mais explicativas para se comunicar com o público, apesar de manter o tom debochado e as críticas ao presidente ao longo de suas explicações.

Estratégias para reforçar o discurso

Mantém o embate e o uso de dados para combater o que o governo fala. Com os dados históricos e a contextualização política, tenta reforçar o seu discurso.

A interpretação da realidade

Ao falar do PIB, Reinaldo não trata somente das questões econômicas, mas faz críticas aos integrantes do Governo, chegando a ridicularizá-los. Desvia do tema central para comentar que Paulo Guedes ficou milionário e sabe ganhar dinheiro. O jornalista que o acompanha na bancada volta com a temática do PIB. “Com o resultado divulgado para 2019, o Brasil volta ao mesmo nível de 2013.” E Reinaldo contextualiza que, mesmo chegando-se ao nível de 2013, para se recuperar a renda daquele ano, crescendo a um ritmo maior que esse, só em 2024.

Como esta é uma temática mais difícil para o ouvinte, Reinaldo dedica-se a fazer uma contextualização política e econômica mais aprofundada. Aborda a questão da herança deixada por administrações anteriores. Enumera razões que ajudaram o fraco crescimento do PIB, diz que um dos pilares do crescimento é o investimento público. “Com a bomba fiscal que o governo recebeu, o investimento público é muito baixo”, confirma que já se sabia disso.

Volta a criticar o governo de Jair Bolsonaro. “As declarações do presidente não têm ajudado muito nessa confiança exigida por investidores”, lembrando que a confiança no governo é essencial para a captação de investimentos privados e que parte dos investimentos vem do exterior, o que é uma característica de regimes direitistas liberais. Diz que o presidente transforma a porta do Alvorada em um circo de baixa qualidade. Lembra que o crescimento depende do governante.

O jornalista da bancada traz mais informações sobre os números do PIB. Reinaldo comenta, trazendo um prognóstico de cenário muito ruim para economia brasileira. Pede responsabilidade ao governo, neste momento adota um tom bem sério. Usa como referência música do Kid Abelha: "Tira essa bermuda que eu quero você sério", fazendo referência às roupas caseiras com as quais o presidente aparece em fotos.

Cita o que chama de quarta tentativa de criar a indústria naval no Brasil, as outras três foram dos presidentes Juscelino Kubitschek, Ernesto Geisel e Luiz Inácio Lula da Silva, criticando o dinheiro investido que, segundo ele, estoura os tetos de gastos. "Com todos esses erros, o governo acha que, se a imprensa e os jornalistas o encherem de elogios, as coisas vão dar certo." Completa Reinaldo.

O jornalista que o acompanha lê o comunicado do governo, elogiando o resultado do PIB. Na nota, dizia-se que a composição do índice indica uma melhora substancial e consistente do PIB e dos investimentos privados. A economia passa a mostrar dinamismo e independência diante do poder público. O comentário de Reinaldo é categórico: "Essa é uma das maiores mentiras produzidas por esse ministério."

Novamente critica o ministro, dizendo que Guedes tem uma concepção velha de liberalismo. Coloca que aumento do PIB privado se dá pela falta de investimento do governo, nas palavras do comentarista, o governo desinvestiu, sem esquecer, de contextualizar as dificuldades herdadas dos governos anteriores.

Novas notícias, dessa vez sobre a previsão do PIB para 2020, que é de 2,4%, Reinaldo comenta falando que não vai crescer 2,4%. Para finalizar, Fábio França traz a notícia do episódio do humorista na porta do palácio (Bolsonaro chegou ao local de entrevista na porta do palácio do Planalto, acompanhado do humorista Márvio Lúcio, o Carioca, o artista tem um personagem que imita o presidente. Ao invés de Bolsonaro, Carioca foi quem respondeu às perguntas dos repórteres sobre o PIB). Encerra com a ironia de sempre, sugerindo que o ato humorístico serviu para mostrar a preocupação do presidente com o resultado do PIB. "Não vai crescer 2,4%, o que já seria uma merreca."

Comentário de Marco Antonio Villa (Canal do Villa, no Youtube)

Abordagem do tema

O comentário tem a duração de 16 minutos e 50 segundos. Ao falar do resultado do PIB, Marco Antonio Villa faz uma contextualização mais aprofundada da economia e o faz de maneira bem taxativa e de forma mais crítica que nos outros dois comentários dele por nós analisados. Destaca o que chama de “caos econômico” com o resultado do PIB e gaba-se por ter, segundo ele “cantado a bola”. Cita vários artigos publicados, dizendo que a política econômica era equivocada. Se em outros comentários poupava o presidente de críticas mais pessoais, aqui vai dizer que ele “desqualifica e desonra” o cargo. Durante o comentário, mistura críticas ao resultado do PIB com questionamentos sobre a competência de Bolsonaro e do ministro Paulo Guedes.

Linguagem

Mais ácida e menos polida que nos outros comentários analisados. Ao fazer este comentário, Villa usa a crítica ferrenha a Bolsonaro e ao seu despreparo para ser presidente. Faz vários ataques ao chefe do Executivo desde a época em que era deputado federal.

Continua com tom ácido ao falar sobre o ministro da Economia, chamando-o de fanfarrão, mentiroso e até de incapaz. Também tem uma linguagem mais específica, explicitando dados econômicos dos últimos meses e anos. Procura mostrar-se de alguma maneira isento politicamente da dicotomia direita e esquerda ao lembrar que também fazia críticas aos governos do PT desde 2003, quando Luiz Inácio Lula da Silva era presidente.

Comunicação com o público

Coloca questionamentos e críticas em relação aos rumos da economia e à incapacidade de o governo criar mais empregos. Tem uma fala mais aprofundada em questões econômicas, portanto conversa com aqueles que têm uma compreensão da macroeconomia ao trazer números e dados dos últimos meses.

Também tenta descomplicar o diálogo ao tocar na questão do emprego, mais fácil de ser entendida pelo público de maneira geral do que o valor do PIB. Faz críticas a medidas deste governo que seriam adotadas pelos chamados regimes de

direita, como privatizações, reforma trabalhista, reforma da previdência e desmanche de programas sociais.

Novamente adota a figura de professor, contestando o conhecimento do ministro Paulo Guedes e do presidente da República. Villa chega a ironizar o ministro, duvidando da sua capacidade e criticando a sua experiência para figurar no cargo de ministro da economia.

Estratégias para reforçar o discurso

Reafirma a todo o momento que suas previsões estavam certas e garante que, no futuro, não se dará o crescimento anunciado. Reforça seu discurso, citando editorial do jornal **Folha de São Paulo** e a previsão da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Segundo o site do Itamaraty¹¹, esta organização é composta por 35 países, entre eles o Brasil. Os países em desenvolvimento têm buscado aderir a ela, que equivaleria a ter um “selo de qualidade” que poderia estimular investimentos e a consolidação de reformas econômicas.

Faz menção a Ulisses Guimarães, político que presidia a Câmara dos Deputados quando foi instituída a Constituição de 1988, chamada de Constituição Cidadã, concordando com uma fala do político criticando a ditadura brasileira.

A interpretação da realidade

Ao fazer seu comentário, Villa começa citando o editorial da **Folha de S. Paulo** em que diz que o presidente não está à altura do cargo. “Ele rebaixa, desqualifica e desonra a função de presidente”. Contextualiza, citando a saída do presidente do Exército por ato terrorista e demonstra estranheza com a absolvição do capitão Jair, completando: “Absolvido, não inocentado”. Critica Paulo Guedes, chamando o ministro de “fanfarrão”. Conta que ele não possui nem uma obra de sua autoria e que o crescimento do PIB é inferior a 2017 e 2018. Além disso, o resultado foi menos da metade do indicado.

¹¹<http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/>

Afirma que Guedes mentiu ao divulgar a previsão de 2% para 2020. Cita que a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) previu 1,7%. Ironiza o tão falado espetáculo do crescimento anunciado pelo governo antes das eleições e diz que isso não vai acontecer. O chamado “espetáculo do crescimento” incluía um pacote de reformas de características de regimes de direita, como privatizações, as reformas trabalhista e da previdência, desmanche de programas sociais, entre outras.

Critica a leitura da economia feita pelo Ministério: "Se o diagnóstico é errado, os remédios são errados." Chama Paulo Guedes de incapaz e critica seu conhecimento sobre macroeconomia. Além disso, defende ainda que Guedes não conhece o Brasil.

Cita uma minoria de empresários que disse que, após a reforma da Previdência, seriam criados um milhão de empregos. E pergunta: “Cadê esses empregos?” Classifica como antinacional a política econômica, menor saldo de exportações dos últimos cinco anos.

Diz que Paulo Guedes já prepara sua saída do governo. Segundo Villa, o ministro já começa a tirar o “time de campo”. Coloca que, ao fracassar, Paulo Guedes vai imputar culpa ao Congresso, por não passar os projetos, o que, segundo o comentarista, é mentira. Dá exemplo da Reforma da Previdência que ainda foi “melhorada” pelo Congresso e que se aproximou da economia desejada pelo governo. Villa coloca que o Ministério não encaminha as reformas e culpa o Congresso.

Faz uma referência literária a Eça de Queiroz, citando o político Pacheco, comparando a incompetência de Guedes com a do personagem.

Classifica como pibinho o resultado do PIB 2019, em alusão ao PIB do governo petista de Dilma Rousseff. Disse que o presidente é ignorante e não consegue explicar o resultado do PIB. "Ele sabe que não tem condições de ser presidente", completa Marco Antônio. Fala que Bolsonaro promove o caos, pois a instabilidade o obrigaria a dialogar com lideranças políticas. Completou 28 anos como deputado do baixo clero, nunca leu um livro na vida, nem do Ulstra.

Lembra a culpa do Lulopetismo ou antipetismo para a chegada de Bolsonaro à presidência. Justificou que os eleitores não votaram nele, votaram contra o PT. Criticou Haddad por se aconselhar semanalmente com Lula preso em Curitiba.

Faz uma ressalva de que o resultado do PIB não pode ser relacionado ao corona vírus.

Faz referência ao filme “Nove semanas e meia de amor” e diz que entre Guedes e Bolsonaro serão quinze semanas. Compara a relação entre eles com pornochanchadas, lembra Grande Othelo e Oscarito.

Lembra da entrevista que fez com Bolsonaro quando o presidente ainda era candidato. Em tom de jocoso, aponta o despreparo do então candidato Jair Bolsonaro.

Lembrou que o ministro Paulo Guedes recebeu um prazo do presidente. Fala da capitalização, que não foi aprovada, como no Chile. Explica a situação que vive o Chile. "Quantas vezes eu disse que a capitalização é um fracasso, visto que o Chile não é nada do que estão falando. Afirmo que o ministro até esqueceu da capitalização, nem fala mais. Coloca a tragédia econômica com dados, queda de 4,8% no índice Ibovespa. Em janeiro, fevereiro e na primeira semana de março acumularam quedas de 15,4%, em pouco mais de 60 dias, saída de capital estrangeiro do país nesses pouco mais de 60 dias, R\$ 45 bilhões, comparado aos R\$ 44,5 bilhões do ano anterior inteiro, em dois meses sai mais que todo o ano passado. Novamente encontramos tendências de “regimes direitistas”, que são mais abertos a investimentos privados.

Lembra que o dólar só não chegou a R\$ 5 por intervenção do Banco Central, mas o ministro diz que não vê problema. Villa rebate dizendo que tem problema sim e contextualiza dizendo que máquinas, insumos, equipamentos, compras de remédios, empréstimos contraídos no exterior vão sim ser atingidos pela alta do dólar. Comenta que muita gente ganhou dinheiro com a instabilidade do câmbio e completa especulação patrocinada por Paulo Guedes.

Criticou as declarações do presidente com a conveniência de empresários, criticou também a Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Aponta desenho desastroso da economia: queda da bolsa, disparada do dólar, saída de capital estrangeiro em larga escala, sérios problemas na balança comercial.

Fala sobre a senadora cassada Selma Arruda, conhecida como “Moro de saias”, que compartilhou chamadas para a manifestação golpista. Explica que movimentos que pedem o fechamento das instituições, entre elas Congresso Nacional e Superior Tribunal de Justiça, podem ser chamados de golpe de estado.

Lembra do alto número de desempregados e os que já não procuram mais empregos, causando tensão social. Compara com a crise do governo Dilma antes do impeachment. “Havia crise política e econômica, mas agora é mais grave”.

Relata que o governo, sem partido, tentou formar uma legenda, mas não conseguiu. Relação de enorme tensão com congresso, claramente uma crise política, completa Villa. Contextualiza, com as declarações de Rodrigo Maia. Ele diz que Maia faz uma leitura correta dos extremistas de Bolsonaro, a estratégia é jogar a culpa na Câmara. “Isso não é verdade.”

Volta a comparar, que, em 2016, no governo Dilma havia crise política e econômica, mas hoje existe crise política, econômica e ainda uma crise institucional. Recorda que o PT aceitou a Constituição e saiu do governo. Se diz crítico do governo PT desde 2003, relembra dos vários artigos críticos ao governo que escreveu no jornal **Folha de S. Paulo** e na **Revista Época**. Lembrou ainda que Carlos Bolsonaro fez coligação com PT em 2004 no Rio de Janeiro. Repete que o Brasil está caminhando para uma crise institucional, tensão muito grave nas ruas.

Comenta as velhas estratégias usadas por Lula e governos da ditadura, que diziam que quem fosse contra a política econômica do governo, está contra o Brasil. Diz que quem é contra o Brasil são os que defendem esta política.

Critica a submissão do presidente Bolsonaro aos Estados Unidos. Sugere que Paulo Guedes não conhece o Brasil, viveu no Rio de Janeiro, Chicago e no Chile durante a ditadura Pinochet. Contextualiza que o Brasil caminhava para democracia, mas ele optou pelo Chile sob intervenção militar na ditadura. Faz uma indagação, Quem será o substituto de Guedes? Quem o mercado indicaria e aceitaria? Villa completa: "Ele está deixando um desastre econômico".

Cita a situação do BolsaFamília, que chama de terrível. Grande número de descredenciados, atrasos nos pagamentos, o governo diz que não tem recursos para pagar o benefício. Coloca ainda a posição do governo contra o aumento ínfimo do salário mínimo, o que só aumenta a tensão. Diz que os sinais são extremamente preocupantes.

Cita Ulisses Guimarães e sua frase "Tenho nojo de ditadura". “Eu também”, completa o comentarista. Lembra a importância do Congresso, da Câmara dos Deputados, como casa do povo, e do Senado, como casa da federação.

Lembra da importância da liberdade de imprensa. Cita um Twitter de Eduardo Bolsonaro contra ele. Eduardo, a quem o comentarista chama de

Bananinha, apelido tirado de uma fala do vice-presidente Mourão. Ironiza dizendo que ele seria o ministro das Relações Exteriores ou embaixador do Brasil nos Estados Unidos.

Villa faz questão de frisar que Eduardo foi eleito por São Paulo, mas não mora lá. Classifica como um golpe que ele deu nos eleitores de São Paulo. Desafia o deputado a provar que mora na capital paulista. Eduardo inclusive pediu a demissão de Marco Antonio Villa. Termina chamando os integrantes da família Bolsonaro de ociosos e ignorantes. Além disso, aguarda a saída de Paulo Guedes. Termina com uma fala de Guedes: “Qualquer coisa vou embora do Brasil.”

Comentário de Augusto Nunes (Programa Os pingos nos is, Rádio Jovem Pan)

Abordagem do tema

Augusto comenta durante 2 minutos e 22 segundos. Começa dizendo que o resultado do PIB é para ser "festejado". Contextualiza falando que estamos saindo “do buraco que o PT meteu esse país, herança maldita que passou pelo Temer e caiu na cabeça do Bolsonaro”. Coloca que a economia está tendo uma melhora, embora lenta, mas consistente. Explica que os investimentos se apoiam na área privada, tirando das mãos do governo, outro tipo de investimento mais saudável, característica de regimes de direita que se apoiam em investimentos privados ao invés de públicos, diminuindo assim o tamanho do Estado.

Aborda o tema com outro ponto de vista em relação aos outros dois comentaristas, acredita que os resultados são favoráveis diante das dificuldades deixadas pelos governantes anteriores. O baixo resultado é colocado mais nos erros de administrações passadas, do que na má gestão atual. Uma posição muito difundida pelos seguidores de Jair Bolsonaro.

Linguagem

É direto nas críticas e nos elogios. Deixa claro seus posicionamentos contra e a favor. Não faz questão de mostrar afastamento ou imparcialidade nos comentários.

Comunicação com o público

O discurso sem críticas ao atual governo parece agradar aos correligionários de Jair Bolsonaro. Como não há uma análise mais pertinente do fato em si, a ideia é “inocentar” o atual presidente e reforçar que a culpa de todos os erros é uma herança dos governos passados, principalmente os de esquerda.

Estratégias para reforçar o discurso

Ao invés de explicar o resultado do PIB e de analisar o momento atual, a estratégia de fazer ataques ao Partido dos Trabalhadores e aos seus correligionários persiste neste comentário analisado.

Usa dados da Universidade Federal do Rio de Janeiro para comparar com o PIB do governo Dilma, que segundo ele foi chamado de “pibinho”.

A interpretação da realidade

Ao fazer o comentário sobre o PIB, Augusto Nunes não faz críticas ao resultado e sim à herança deixada pelos governos passados. Volta suas críticas ao PT novamente, acusando de cinismo alguns integrantes da legenda. Cita uma postagem de Gleisi Hoffmann, deputada federal e atual presidente do partido, a quem chama de amante em alusão à lista da Construtora Odebrecht. Em sua postagem, Gleisi escreve: "Resultado medíocre. Será que esses liberais do governo e do Congresso não enxergam que estão destruindo o Brasil?". Augusto responde: “Não tem como destruir o Brasil, pois o PT já destruiu.”

Traz dados da Universidade Federal do Rio de Janeiro do governo Dilma, crescimento de 0,2%, fala que, no segundo mandato, ela surpreendeu e agradece a Deus por ter sido curto 0,1%. Segundo ele, esse, sim, foi o PIB chamado de pibinho. Volta a citar Gleisi Hoffmann, com a frase sobre a petista: "Ela não fica bem humorada nem na lua de mel", deixando maliciosamente no ar o relacionamento pessoal de Gleisi com o também petista o ex-senador Lindbergh Farias.

O que se pode concluir da análise

O que observamos nas falas analisadas foi um discurso nem sempre aparente no que se refere às teorias sobre direita e esquerda tratadas anteriormente neste trabalho. O que fica explícito, independente destes posicionamentos, são opiniões favoráveis ou contrárias às do atual governo, alinhado, em muitas questões, à chamada extrema direita. Bolsonaro, por exemplo, defendeu abertamente métodos da ditadura e tem como ídolo o coronel do Exército Carlos Alberto Brilhante Ulstra, ex-chefe do DOI-CODI, um dos órgãos atuantes na repressão política.

No Brasil, o maior país da América Latina, o presidente Jair Messias Bolsonaro (PSL)⁶, foi eleito em 27 de outubro de 2018 com 57,8 milhões de votos ou 55,13% dos votos válidos, equivalendo a 39,3% do eleitorado total no país (ALVES, 2018). Durante a campanha eleitoral, defendeu, dentre outras coisas, a ditadura militar brasileira (1964-1985), a tortura e a perseguição às minorias, às esquerdas políticas e aos movimentos sociais, opondo-se, por conseguinte, aos direitos humanos. (MORAIS, 2019, p. 161)

Em alguns casos, observamos comentários com críticas mais pesadas ao Poder Executivo, enquanto, em outras, uma percepção de justificativas para ações tomadas pelo atual presidente Jair Bolsonaro.

Augusto Nunes tem uma posição nos três dias analisados de total aceitação e nenhuma crítica ao presidente Jair Bolsonaro, seguindo o posicionamento editorial da rádio. Tem um ponto de vista diferente dos outros dois comentaristas, com perfil bem alinhado à considerada extrema direita. Seus comentários são menores, divide o espaço dos comentários com José Maria Trindade. Dos três é o que menos apresenta fontes e dados para embasar seu discurso, o que daria menos credibilidade aos comentários, pois não tem comprovação informativa do que diz. No entanto, isso parece não incomodar em um período de pós-verdade, em que fatos valeriam menos do que opiniões. Isso pode ser justificado no fato de o programa da rádio **Jovem Pan** ter a maior audiência entre os três na internet, (A rádio **Jovem Pan** tem quase 2 milhões e 500 mil seguidores no Youtube, enquanto a **Band News** possui um pouco mais de 750 mil seguidores e ainda o **Canal do Villa**, que conta com quase 500 mil seguidores) Isso traz a hipótese de o programa “Os pingos nos is” usar uma linguagem mais adaptada a internet. Mas isso ficaria para uma outra análise.

Reinaldo Azevedo continua com seu posicionamento de adepto da direita liberal, apesar de discordar de muitas atitudes do atual governo que também é classificado como direita, mas como ele mesmo diz: “extrema direita”. Seu discurso deixa claro sua posição contra a esquerda. Confirma isso nas falas sobre o regime venezuelano e as muitas críticas à esquerda brasileira. Coloca sua predileção pela direita liberal quando fala que o país precisa de investimentos privados internacionais. Apesar das fortes críticas e muitas vezes tom de deboche, Reinaldo é menos duro, algumas vezes, chega a concordar com governo, como em parte do discurso da ONU, porém, na maioria das vezes, é bem crítico à administração de Jair Bolsonaro.

Dos três, Marco Antonio Villa é o mais crítico. Tem um posicionamento completamente oposto aos simpatizantes do presidente. Continua com a mesma firmeza nos comentários que lhe renderam demissão da rádio **Jovem Pan**. Porém é o mais embasado em suas críticas, trazendo fontes e dados para quase todos os fatos comentados em suas lives. Sem falar das contextualizações históricas que, muitas vezes, ajuda a explicar os fatos, como no caso dos acontecimentos que terminaram com a eleição de Jair Bolsonaro.

Outra hipótese colocada é que o tom crítico, muitas vezes agressivo nos comentários contra o governo e sua equipe, só seja possível por Villa ter seu próprio canal em uma rede social e não fazer parte de uma grande rede de comunicação. A questão de não veicular propagandas também fortalece a ideia de maior independência nos comentários. Adota uma postura, muitas vezes, considerada de esquerda, criticando a política internacional do governo como antiatriótica e entreguista. Critica também os desmanches dos programas sociais realizado pelo governo federal, o que, para muitos, é uma crítica realizada por aqueles que defendem os princípios considerados de esquerda.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do nosso desejo por informação da forma menos influenciável possível, mesmo antes de ingressar na Faculdade de Jornalismo, nasceu a ideia desse trabalho. A nossa procura sempre foi por um comentário político consistente, embasado e que nos levasse a uma reflexão menos carregada de ideologia. Assim resolvemos que deveríamos assistir aos comentários que também não nos agradassem ideologicamente e não nos convencessem, na tentativa de fazer comparações. Este seria o melhor método para formarmos uma opinião. A partir daí, tirar uma conclusão ao estilo jornalístico, ouvindo uma pluralidade de vozes envolvidas. Mesmo contando com minha preferência ideológica, a qual é impossível desvencilhar-me.

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita a respeito dos comentaristas, passamos neste trabalho por uma revisão bibliográfica para entender melhor a história do jornalismo no Ocidente e o peso hoje dado ao Jornalismo Político e, principalmente aos colunistas e comentaristas da área. Para isso, desde o primeiro capítulo, reavivamos a história do jornalismo no mundo, os gêneros jornalísticos, as diferenças entre o impresso, o rádio e a internet. Vimos grandes colunistas que já passaram pela mídia impressa e chegamos finalmente aos nossos comentaristas analisados.

Ressaltamos que, em uma busca por comentaristas políticos que analisassem a conjuntura atual do país, passamos a assistir vários programas na internet, por ser de mais fácil acesso e também por contar com todos os mais conhecidos comentaristas políticos da atualidade. No início do trabalho, uma das ideias principais era entender como se davam os vieses de esquerda e de direita nos comentários. Porém essa hipótese foi quebrada, já que, independentemente do posicionamento clássico, colocado em autores como Norberto Bobbio, aqui não tínhamos comentários claramente à esquerda ou à direita tradicional, mas, de maneira geral, o que encontramos foram comentários favoráveis e contrários ao governo de Jair Bolsonaro.

A princípio os três comentaristas poderiam estar mais próximos da direita, principalmente Reinaldo Azevedo e Augusto Nunes, que têm seus comentários divulgados em grandes conglomerados da comunicação no país. A rádio **Band News** faz parte do conglomerado da família de João Jorge Saad. A **Jovem Pan**

também faz parte de um conglomerado, com mais de cem rádios espalhadas pelo país. Hoje o grupo está nas mãos de Antônio Augusto Amaral de Carvalho Filho. Imagina-se que empresários donos destes conglomerados defendam um mercado mais livre, mais liberal e com menos interferência do estado. Portanto, com posicionamentos tradicionalmente mais à direita.

Uma coincidência entre os três que pesou muito na escolha foi que eles eram críticos ferrenhos dos governos do PT, principalmente do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Villa e Reinaldo, inclusive, escreveram livros com pesadas críticas aos governos do Partido dos Trabalhadores. Como se comportariam estes comentaristas, então, durante um governo que foi eleito após anos de críticas ferrenhas ao PT na mídia e principalmente por eleitores que não queriam mais o país governado por tal legenda partidária? Se com seus comentários antes do governo Bolsonaro ajudaram a derrubar um governo, como estariam agora?

A questão de Reinaldo Azevedo ter inventado o termo “petralha”, também foi outro atrativo. Augusto é até mais ríspido nas críticas aos governos do PT e por seu apoio total ao governo Bolsonaro, o que nos traria comentários mais alinhados às ideias dos seguidores do governo. Por fim, Marco Villa, mais comedido que os outros dois em seus posicionamentos ideológicos, nos atrai pelo embasamento com dados nos comentários. A contextualização histórica e a vasta experiência literária trazem um elemento a mais aos comentários políticos.

O resultado indica que os discursos são feitos para públicos diferentes e construídos de formas distintas, mas para fazermos esta afirmação precisaríamos de pesquisas futuras que revelassem o perfil do público. No entanto, podemos afirmar que a rádio **Jovem Pan**, por exemplo, tem seus seguidores na internet no público que apoia o atual governo, o que pode ser constatado na maioria dos comentários.

O que poderia ser dito também da rádio **Band News**, que é filiada ao Grupo Bandeirantes, que conta com a “simpatia” do governo Bolsonaro. Augusto Nunes encaixa-se no comentarista acrítico ao governo atual, aliando-se à maior parte da programação da **Jovem Pan**, que segue uma linha mais de apoio do que de crítica ao governo. Já Reinaldo Azevedo, apesar de estar no grupo Bandeirantes, que realizou até mesmo homenagem a Bolsonaro em março deste ano¹², destoa da

¹² <https://noticias.band.uol.com.br/noticias/100000982284/jair-bolsonaro-recebe-homenagem-na-sede-do-grupo-bandeirantes-de-comunicacao.html>

questão acrítica. Ele agora traz um tom agressivo e crítico ao presidente. O jornalista traz posicionamentos que têm até mesmo agrado à esquerda brasileira, chegando a ser bem agressivo nas críticas ao governo. Entendemos que isso ocorre, principalmente, em relação a posicionamentos que tenham relação com a extrema direita, que diz, por exemplo, que há comunismo no Brasil e que defende, entre outras posições, a volta da ditadura. Reinaldo não concorda com estes posicionamentos e faz duras críticas a este tipo de visão em seus comentários. Esta pode ser uma explicação de sua postura mais crítica a esta extrema-direita. Grupo, inclusive, responsável por uma estratégia de espalhar fake news. Em seus discursos, Reinaldo não cansa de apontar mentiras ditas pelo presidente. Então, uma postura de combate ao extremismo que se baseia na mentira. Apesar de em nenhum dos três comentários aparecer as questões de gênero, a defesa da família tradicional e a homofobia estão presentes na extrema direita brasileira. Em vários outros comentários, Reinaldo Azevedo, por exemplo, critica esta postura.

Já Marco Antônio Villa comenta da sua própria plataforma, do seu próprio canal, o que dá mais independência aos comentários. Tem uma postura de criticar algumas políticas tradicionais dos governos da direita e mantém um certo distanciamento e postura mais séria, com menos escracho. No entanto, também não coaduna claramente com posturas relacionadas à extrema direita.

Entendemos que a importância deste trabalho se deu para mostrar como os comentaristas brasileiros analisados são *sui generis*, ou seja, originais e peculiares em suas falas, trabalhando mais com apoio ou não aos governos do que aos princípios esquerda ou direita tradicionais.

Avaliamos que a entrada mais forte e perceptível de políticos e de eleitores de uma corrente de extrema direita no país muda o comportamento de jornalistas que antes alinhavam-se mais à direita. É o que faz com que comentaristas como Reinaldo Azevedo e Marco Antonio Villa possam parecer hoje mais à esquerda do que realmente são. Já Augusto Nunes parece estreitar seu posicionamento até mesmo com as falas mais radicais do governo.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Francisco. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Metodista, 2010.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70, 1988.

BARRETO, Emanuel. **Jornalismo e política: A construção do poder**, 2006.

BOBBIO, Norberto. **“Direita e esquerda: razões e significados de uma distinção política”** São Paulo: UNESP, 1995.

CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d’ aquém e d’ além mar: percurso do Jornalismo português e brasileiro**. Santarém: Jortejo, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2007.

CHERUBIM, Sebastião. **Dicionário de figuras de linguagem**. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli, 1989. Disponível em <https://books.google.com.br/books?id=H4uAAAAYAAJ&q=Dicion%C3%A1rio+de+figuras+de+linguagem&dq=Dicion%C3%A1rio+de+figuras+de+linguagem&hl=ptBR&sa=X&ved=0ahUKEwjqv9eHyljqAhWDGLkGHVWDBz4Q6AEIKDAA>. Acesso em: 10 jun. 2020.

COUTINHO, Iluska. **Colunismo e Poder: representação nas páginas do Jornal**. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/coutinho-iluska-colunismo-poder.pdf> Acesso em 25 de junho de 2020.

FILHO, Ciro Marcondes. **Jornalismo. A saga dos Cães Perdidos**. São Paulo: Hacker São Paulo, 2ª Edição, 2002.

FONSECA JÚNIOR, Wilson Corrêa da. **Análise de Conteúdo**. P. 280-304. In: DUARTE, Jorge. BARROS, Antonio (org.) Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação. São Paulo: Atlas S.A., 2ª. Edição, 2008.

MELO, José Marques. **Gêneros da comunicação em massa: análise dos gêneros e formatos jornalísticos**, 2006.

MELO, José Marques. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MELO, José Marques. **Jornalismo Opinativo**. Campos do Jordão: Mantiqueira de Ciência e Arte Ltda, 3º edição, 2003.

MORAIS, Argus Romero Abreu de. **O DISCURSO POLÍTICO DA EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA NA ATUALIDADE**. Cadernos de Linguagem e Sociedade, 20(1), 2019, p.152 a 172 file:///C:/Users/usuario/Downloads/12129-Texto%20do%20artigo-50505-2-10-20190911.pdf . Acesso em 25 de junho de 2020.

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo, Editora Contexto. 3ª. Edição, 2012.

SILVA, Gustavo Jorge. **Conceituações teóricas: esquerda e direita.** *Humanidades Em Diálogo*, 6, São Paulo, 2014.

SILVA, Wainer Antonio. MORAES, Renato Almeida de. **Direita e esquerda no pensamento de Norberto Bobbio.** Agenda Política. Revista de Discentes de Ciência Política da Universidade Federal de São Carlos Volume 7, Número 1, São Carlos, 2019.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil.** Rio de Janeiro, Mauad, 1999.

SOUZA, Jorge Pedro. **Uma história breve do jornalismo no Ocidente.** Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2008.